

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS
DE JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Relação da Igreja e Juventude - Espaço de Evangelização

Nádia Maciel da Silva

**GOIÂNIA
2008**

**FACULDADE JESUÍTA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA – FAJE
REDE BRASILEIRA DE CENTROS E INSTITUTOS DE
JUVENTUDE
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM ADOLESCÊNCIA E
JUVENTUDE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO**

Relação da Igreja e Juventude - Espaço de Evangelização

Nádia Maciel da Silva

Orientadora Prof^a. Ms Carmem Lúcia Teixeira

**Monografia apresentada ao Curso de
Pós-graduação Lato Sensu em Adolescência e
Juventude no mundo contemporâneo como
requisito para grau de especialista.**

GOIÂNIA

2008

Dedico este trabalho a minha família, nomeados em Edegar Maciel da Silva e Odila Teixeira da Silva (in memória). A todos os jovens da Pastoral da Juventude dos lugares por onde passei, pois através desta escola pude assimilar valores como: convivência, partilha, amizade, solidariedade, e a luta incansável pela vida no cuidado da pessoa humana.

Agradecimentos

Agradeço ao criador-Deus da plena vida, que me sustenta no seu amor, na sua misericórdia e através de minha consagração faz com que minha vida seja doada, repartida a toda humana criatura.

Agradeço a minha família religiosa: a Congregação das Irmãs Franciscanas do Coração de Maria, por acreditarem em mim como continuadora da inspiração de Madre Cecília e ousar ser no mundo expressão do coração materno de Maria, de modo especial junto à juventude.

Aos jovens da Pastoral da Juventude das diversas dioceses por onde passei: Gilda, Fabiano, Andréia, Lauzita, Erenilza, Néelson, Francisco das Chagas, Cabo Chico, Amélia, Ingrid, Sâmara, Kassandra, Clésio Jonas, Francisco Moura, Marcela, Antonio José, Joseli, Tatiane Silva, Glauber, Edimar, Teresinha Portela, Geane Brito, Keila, Carlos Alberto (Bebeto).

Aos colegas do Curso de Pós-Graduação em Adolescência e Juventude pelo companheirismo, dinamismo, entre ajuda e de maneira especial, cito Ana Lúcia Montovanelli, Silvana Sarmiento e Edgar Balmore.

Aos Professores da Pós-Graduação que ampliaram horizontes na compreensão do universo juvenil e seus desafios, de modo especial professora e orientadora Carmem Lúcia Teixeira, que na sua simplicidade e ternura não permitiu que abandonasse o caminho desta pesquisa.

À direção, funcionários e voluntários da Casa da Juventude Padre Burnier – Goiânia, pela acolhida e por fazer daquela casa a casa de todos aqueles que vivem e apóiam a causa da juventude.

A todos os educadores/as de adolescentes e jovens que apostam na juventude, e marcam a vida de muitos jovens pelo seu testemunho de fé, coerência com a vida e se dedicam à causa do Reino de Deus.

Se me dizes: eu escuto!
Se me falas: eu aprendo!
Se me acolhes: eu me envolvo.
(Anônimo)

RESUMO

SILVA, Nádía Maciel da. **A relação Igreja e Juventude - espaço de Evangelização**. (Monografia da Especialização em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, 2008.

Esta pesquisa aborda elementos da evangelização da Igreja do Brasil em seus aspectos históricos; faz um olhar sobre a evangelização da juventude do Brasil dando atenção a proposta da Pastoral da Juventude na tentativa de descobrir como a relação Igreja/juventude fomenta a evangelização. Busca uma compreensão de evangelização baseada em alguns autores, situando a evangelização que se apresenta sempre mais complexa e que exige dos evangelizadores uma postura coerente.

Considera o papel do educador e também da Igreja como educadora da juventude no seu desafio de ser espaço de comunhão e participação para a juventude, sendo essa relação espaço de evangelização entre os/a jovens e a Igreja. Dá destaque à evangelização da juventude, à compreensão de quem são os jovens para a Igreja e a sociedade percebendo o jovem como sujeito, protagonista da evangelização.

Discute a pesquisa realizada na Diocese de Pouso Alegre-MG, investigando como se dá a relação dos jovens com a Igreja e como os mesmos são reconhecidos pelas lideranças do clero e do laicato adulto.

No decorrer da pesquisa, buscou-se analisar e refletir alguns conceitos de Juventude, Evangelização, Educação e Protagonismo, baseados em alguns teóricos tais como: Agenor Brighenti, Carmem Lúcia Teixeira, Eliomar Ribeiro, Paulo Freire, Hilário Dick, Lourival Rodrigues da Silva, Rogério de Oliveira, Regina Novaes, entre outros.

Palavras-chaves: Evangelização, Educação, Juventude, Protagonismo.

Abstract

SILVA, Nádía Maciel da. **The relation Church and Youth as space of Evangelização.** (Monograph of the Specialization in Adolescence and Youth in the World Contemporary) - Jesuit College of Philosophy and Theology, 2007.

This Research approaches elements of the evangelização of the Church of Brazil in its historical aspects; attention makes a look on the evangelização of the youth of Brazil giving the proposal of the Pastoral of Youth in the attempt to discover as the relation Church/youth foments the evangelização. The evangelização searches an understanding of evangelização based on some authors pointing out that it always presents more complex demanding of the evangelizadores a coherent position.

It also considers the paper of the educator and of the Church as educator of youth in its challenge of being space of communion and participation for youth being this relation young space of evangelização between os/a e the Church.

Of the prominence the evangelização of youth, the understanding of who is young for the Church and the young society perceiving as the subject one, protagonist of the evangelização.

The research carried through in the Diocese of Glad Landing investigating as if of the a argues relation of the young with the Church and as the same ones are recognized for the leaderships of the clergy and the adult laicato.

In elapsing of the research, one searched to analyze and to reflect some concepts of Youth, evangelização, education, protagonism based in some theoreticians such as: Agenor Brighenti, Carmem Lúcia Teixeira, Eliomar Ribeiro, Pablo Freire, Hilário Dick, Lourival Rodrigues Da Silva, Rogério de Oliveira, Regina Novaes, among others.

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1 - Percorrendo os Caminhos da Evangelização	13
1.1 A Evangelização na Igreja no Brasil - alguns aspectos Históricos.....	13
1.2 A Evangelização da Juventude no Brasil com foco na Pastoral da Juventude.....	18
1.3 O que se entende por Evangelização.....	27
Capítulo 2 - O papel da Igreja como Evangelizadora de Juventude	35
2.1 O papel do Educador.....	35
2.2 A Igreja como Educadora.....	41
2.3 As relações como espaço desta evangelização entre os jovens e a Igreja.....	44
Capítulo 3 - Evangelização da Juventude	48
3.1 Quem são os jovens? O que se entende por Juventude na Igreja e na Sociedade	48
3.2 O Jovem como sujeito da Evangelização/Protagonista.....	56
3.3 Os Jovens da Pastoral da Juventude na Diocese de Pouso Alegre/MG como se percebe essa relação com a Igreja	60
Conclusão	68
Referências	73
Anexo	76

INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como finalidade abordar a relação dos jovens com o projeto evangelizador oferecido pela Igreja e especificamente o papel da Igreja, como educadora da juventude, quando prima por espaços de relações como espaço evangelizador, vendo o jovem como sujeito da evangelização no exercício do seu protagonismo.

O universo pesquisado foram as lideranças do clero e do laicato da Diocese de Pouso Alegre – Minas Gerais. A hipótese lançada inicialmente, é de que a Igreja Católica, através de suas lideranças religiosas (clero e laicato adulto), tem dificuldades de se relacionar com a juventude e reconhecer as formas de atuação dos jovens na Igreja, ocasionando um afastamento dos mesmos da proposta de evangelização assumida pela Igreja. Neste sentido, buscou-se perceber dos adultos entrevistados o interesses dos jovens na proposta oferecida pela evangelização da Igreja, como também tentou avaliar os limites que se percebem nesta relação identificando os elementos que despertam interesses ou insatisfação dos jovens.

A metodologia usada foi a pesquisa qualitativa, em que se aplicou um questionário a 10 pessoas, sendo 3 sacerdotes, uma religiosa, um seminarista, 2 assessores da coordenação diocesana e 3 jovens dos grupos de base. O questionário aplicado (em anexo) tinha a intenção de coletar uma amostra de como é entendida a relação e percebida pelas lideranças adultas o reconhecimento dos jovens e sua relação com a proposta da Igreja.

O primeiro capítulo abordou a evangelização da Igreja no Brasil, as experiências acumuladas pela Igreja no que se refere ao campo do planejamento pastoral e, de sua ação evangelizadora. Retomou o caminho e a opção de renovação proposta pelo Concílio Vaticano II até as diretrizes da ação

evangelizadora, que dão orientações para a “nova evangelização” em comunhão com a Igreja da América Latina, levando em conta sua própria experiência pastoral e a realidade social.

Fez-se uma reflexão sobre a evangelização da juventude no Brasil, com foco na Pastoral da Juventude e como ela garante um espaço para a juventude reencontrar sua identidade e desenvolver o sentido de comunidade. Buscou-se também refletir o que se entende por evangelização considerando a Igreja como uma mediação privilegiada da evangelização, sendo revelação do Verbo encarnado que traduzem a relação de humanidade, proximidade, diálogo e solidariedade a todas as pessoas, povos e culturas.

O segundo capítulo é uma reflexão sobre o papel da Igreja como evangelizadora de juventude. O mesmo se inicia perguntando acerca do papel do educador, afirmando que, educar exige respeito aos educandos, a sua reflexão crítica sobre a prática, consciência do inacabado e outros saberes necessários à prática educativa. A Igreja, através de sua missão evangelizadora, também se coloca nesta tarefa e reconhece seus erros e limites, quando não consegue atingir na totalidade uma formação capaz de promover uma consciência crítica cristã, em função da construção mais justa de nossa sociedade. Conclui-se com este tópico um olhar sobre as relações com espaço da evangelização entre os jovens e a Igreja.

O terceiro capítulo trata especificamente da evangelização da juventude tentando perceber quem são os jovens, nossa compreensão do que é juventude na Igreja e na sociedade e como estas concepções determinam nossa atuação junto a esse público. Por isso, neste capítulo, o jovem é considerado como sujeito/protagonista da evangelização e sujeito de direitos, que clamam por um olhar despido de preconceitos e mitos, sobre a sua pessoa e desejam que lhes sejam

oportunizados espaços de participação, discussão e construção de seus sonhos e ideais. Neste sentido faz um olhar na Diocese de Pouso Alegre/MG percebendo como é sentida pelas lideranças do clero e do laicato adulto a relação com a Igreja e se há nos jovens, motivações para abraçar a causa da evangelização e estes serem evangelizadores de outros jovens.

Na conclusão é apontado o resultado da pesquisa realizada com as lideranças do clero e do laicato adulto da Diocese de Pouso Alegre/MG, onde foi possível obter um olhar da realidade sobre a indagação inicial, a saber, o reconhecimento do trabalho dos jovens da Pastoral da Juventude e a relação dos mesmos com o projeto evangelizador oferecido pela Igreja. Concluímos que essa relação se torna um dos passos e modos de evangelizar, sendo impulso e incentivo para que o jovem se envolva com a proposta de evangelização que em seu processo supõe novas posturas e abertura na arte de acompanhar os jovens e marcar presença entre eles.

CAPÍTULO 1 – PERCORRENDO OS CAMINHOS DA EVANGELIZAÇÃO

1.1 A Evangelização da Igreja no Brasil – Alguns Aspectos Históricos

O presente texto pretende dar uma visão rápida a respeito da evangelização no Brasil, considerando os esforços feitos pelos evangelizadores em tornar conhecida a proposta do Evangelho nas culturas. Posteriormente será abordado o que se entende por evangelização e será destacado o propósito da Igreja Católica em uma compreensão mais atualizada do que é evangelizar.

Ressaltamos apenas que o início da história da evangelização no Brasil se traduziu em levar a forma cultural, cultural e política do evangelizador. A evangelização do Brasil, sob diversos aspectos, esteve por muitos anos ligados à colonização.

Zagonel (1976, p.48) nos afirma que Portugal teria evangelizado o Brasil e evangelização teria significado um movimento de expansão do Cristianismo português, no qual o Evangelho se tornaria um instrumento de domínio e de expansão. Isto nos remete a todas as atrocidades cometidas contra os índios, negros, imigrantes que ao longo da história foram objeto de evangelização no Brasil. Algumas instituições como também a Igreja se moldou à teologia e ideologias daquele tempo.

Nesta análise fazemos um recorte histórico para analisar a proposta de evangelização a partir dos planos propostos pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB – que, através dos planos de emergência e de Pastoral orgânica, sinalizou um esforço de mudança no quadro da evangelização impulsionado pelo Concílio Vaticano II.

A Igreja Católica no Brasil acumulou experiências no campo do planejamento pastoral e de sua ação evangelizadora e suas diretrizes emanadas das assembléias da CNBB atestam à opção da Igreja e tornam evidentes que ela existe para evangelizar. Na verdade, após o Concílio, a Igreja viveu um momento de redescoberta e/ou resgate de elementos que em nossos dias estão possibilitando um passo adiante na compreensão e na vivência da missão da Igreja.

João XXIII que convocou o Concílio Vaticano II e realizou sua primeira fase, em carta aos Bispos da América Latina, datada de 08/12/1961, pediu "uma ação imediata para eliminar os perigos iminentes à fé católica". Atendendo a tal urgência, a Assembléia da CNBB, em abril, de 1962 aprovou um conjunto de medidas pastorais que foi chamado *Plano de Emergência*. Este, antecipando-se às conclusões do Concílio, enfatiza as renovações da paróquia, da formação dos presbíteros, dos colégios católicos.

Com a experiência do Plano de Emergência, a Igreja no Brasil pôde integrar a riqueza do Concílio no seu Plano de Pastoral de Conjunto (PPC, de 1966 a 1970). Este apresentou uma programação calcada nos principais documentos conciliares. Implementou no Brasil a articulação das seis dimensões da ação pastoral, que até hoje servem de estrutura pastoral para inúmeras dioceses no País: 1. Comunitário-Participativa (*Lumen Gentium*), 2. Missionária (*Ad Gentes*), 3. Bíblico-Catequética (*Dei Verbum*), 4. Litúrgica (*Sacrosanctum Concilium*), 5. Ecumênica e de Diálogo Inter-Religioso (*Unitatis Redintegratio / Nostra Aetate*), 6. Sócio-Transformadora (*Gaudium et Spes*). (DGAE, CNBB, 1999, p.30).

Essas Diretrizes foram prorrogadas em 1970 e reformuladas em 1975. A partir daí, o Episcopado Brasileiro renovou, a cada quatro anos, suas Diretrizes Gerais da Ação Pastoral. As Diretrizes expressavam os rumos que a Igreja devia

tomar, cumprindo a sua missão de anunciar o Reino, a serviço do povo de Deus e reuniam os principais elementos que, como exigência da missão hão de orientar as atividades pastorais com o objetivo de

Evangelizar a sociedade brasileira em transformação a partir da opção pelos pobres, pela libertação integral, numa crescente participação e comunhão, visando a construção de uma sociedade fraterna, anunciando assim o Reino definitivo (DGAE, CNBB, 1983, p 16 a 71).

Em 1995, as Diretrizes tiveram uma alteração no nome. Passaram a ser Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e enfatizam a prioridade da evangelização, que exige serviço e solidariedade, diálogo e cooperação ecumênica, anúncio e testemunho, comunhão com Deus e com os irmãos conforme citado no documento 54 da CNBB, 1995, p.07.

As Diretrizes reuniam orientações para a "nova evangelização" que a Igreja no Brasil foi elaborando, desde o Concílio Vaticano II, em comunhão com a Igreja no mundo inteiro e, particularmente na América Latina, levando em conta sua própria experiência pastoral e a realidade social. Elas foram atualizadas, valorizando a riqueza dos últimos documentos pontifícios, especialmente as conclusões do Sínodo para a América, que o Papa propôs na *Exortação Ecclesia in America*, e levando em conta as mudanças sócio-culturais dos últimos anos a demandar novas respostas pastorais de acordo com o que se afirmavam os Bispos no documento 54, CNBB, 1995.

Com essas Diretrizes, elaboradas a cada quatro anos, todo o povo cristão, especialmente leigos e leigas católicos, foram convocados a serem protagonistas da "nova evangelização" e articularem melhor fé e vida, fé e história, fé e transformação social.

As Diretrizes constituíam um guia do evangelizador em cinco capítulos: o 1º conta a história do planejamento pastoral no Brasil, desde os anos 60 até hoje; o 2º expõe os fundamentos da evangelização; o 3º analisa a realidade brasileira; o 4º — o mais longo — propõe orientações práticas; o 5º ressalta as responsabilidades da Igreja local e dos evangelizadores. Assim, esperava-se que todos os cristãos, a partir da sua experiência do encontro com o Cristo vivo, se tornassem anunciadores do Evangelho num mundo que, mais ainda, precisava da luz da verdade, a iluminar todo ser humano (Cf. Jo 1,9). (DGAE, CNBB, 1995-1998)

O mesmo documento 54 CNBB identifica três períodos no planejamento pastoral da Igreja no Brasil de 1962 até o 1995: O primeiro, de 1962 a 1979, em que se expressava bem a nova consciência de comunhão que a Igreja tinha de si a partir do Concílio - tempo de renovação. O segundo período, de 1980 a 1991, em que se acentuava a inserção da Igreja na realidade brasileira. O terceiro período de 1991 em diante, no qual receberam destaque as dimensões fundamentais da Igreja de comunhão e missão.

Em vista da preparação e celebração do grande Jubileu do ano 2000, os Bispos do Brasil, em sua Assembléia Geral de 1996 (17 a 26 de abril), aprovaram por unanimidade na 34ª Assembléia Geral da CNBB o Projeto de Evangelização da Igreja no Brasil Rumo ao Novo Milênio, PRNM. O Projeto cobria o período que vai do Advento de 1996 até a Epifania de 2001, ou seja, o Ano Jubilar e os três anos de preparação. A experiência evangelizadora e pastoral do PRNM (1996-2000) se deu no quadro da preparação do Jubileu e seguindo as orientações gerais estabelecidas pela Carta Apostólica *"Tertio Millennio Adveniente"*. A originalidade do projeto brasileiro consistiu na valorização da Palavra de Deus, particularmente dos evangelhos, e das celebrações dominicais, enfatizou os temas centrais dos três

anos preparatórios do Jubileu concedendo a cada ano um tema e um evangelho como fonte iluminadora da liturgia e reflexão nas comunidades reforçando o processo catequético dos fiéis.

Como marco comemorativo dos 500 anos de evangelização no Brasil, a Igreja aprovou um novo projeto intitulado Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio” – SINM –, que teve como finalidade central renovar a consciência da identidade e da missão da Igreja no Brasil, num contexto em rápida mudança.

A celebração do Ano Jubilar – os 2000 anos do nascimento de Jesus Cristo, a entrada no Novo Milênio – era o impulso para um processo de revisão da caminhada pastoral e buscava uma nova articulação pastoral por meio das exigências da ação evangelizadora: Serviço, Anúncio, Diálogo e Testemunho enfocados na ação evangelizadora a partir do documento 56 da CNBB, ano 1996. E para dar continuidade às experiências e conquistas destes projetos, a Igreja católica no Brasil lançou o Projeto Nacional de Evangelização 2004 – 2007, com o tema: *Queremos ver Jesus (Jo 12,21), Caminho, Verdade e Vida (Jo 14,6)*. O documento 72, CNBB, ano 2003, indica que o objetivo da Igreja com esse novo projeto foi possibilitar a todos um encontro forte e pessoal com Jesus, levando a uma experiência de vida mais profunda e despertando em todos a vocação missionária.

Neste projeto, tiveram como foco, ao longo dos anos, a promoção da identidade e dignidade da pessoa humana, a renovação da comunidade nos níveis básicos da convivência humana e a construção da sociedade solidária: isso tudo mediante o encontro com Jesus Cristo e sua Palavra. Para cada ano houve uma frase do Evangelho como lema; ao mesmo tempo, houve a indicação de ações e programas, já sugeridos nas Diretrizes, e que foram sugeridos para serem implementados a cada ano. Muitos evangelizadores tomaram parte desse trabalho,

fruto de um grande mutirão evangelizador que a Igreja tentou executar, mas o alcance dos objetivos não aconteceu num passe de mágica, visto a necessidade de se considerar o ser humano como um ser histórico, marcado pelo tempo e pelo espaço. Vai se tornando pessoa, num processo lento, à medida que perfaz o caminho, passo a passo marcado pelo tempo e pelo espaço que lhe são próprios. O tempo vivido desde o concílio Vaticano II estimulou um grande esforço de renovação e nos atestam hoje que a evangelização não se dá por finalizada, pronta. O tempo histórico vai desafiando a evangelização da Igreja a ter uma escuta atenta dos sinais dos tempos, a ouvir os gritos da modernidade e em especial da juventude que nela está, para assim poder evangelizar e, de modo particular, perceber como está a relação da juventude com a instituição Igreja, de como a evangelização tem marcado a vida dos jovens e qual é o grau de proximidade ou distanciamento da proposta da evangelização oferecida à juventude pela Igreja. A tarefa de evangelizar requer atitudes de serviço, diálogo, solidariedade, igualdade que se tornam espaços de evangelização, sobretudo nesta consciência de criar uma relação fraterna e humana de abertura entre os agentes promotores de evangelização e os membros da comunidade, especialmente a juventude que se inclui no desejo da Igreja que quer “continuar olhando com amor para os jovens, mostrando-lhes o verdadeiro Mestre – Caminho, Verdade e Vida” (DOC. 85, CNBB, 2007, p.9).

1.2 A Evangelização da Juventude no Brasil com atenção na proposta da Pastoral da Juventude

Consideramos como importante olhar o trabalho e atenção da Igreja Católica ao longo dos anos e sua tentativa de se fazer presente no campo juvenil com a

proposta de evangelizar a juventude, e a partir de então olhar a história da Pastoral da Juventude, o esforço de muitos/as jovens coordenadores e assessores adultos/as preocupados com o processo de educação na fé e as novas metodologias no trabalho com a juventude. Oliveira, ano 2004, relembra que outros grupos, organizações e Igrejas ao longo da história também deram sua contribuição na evangelização da juventude, trabalho este realizado por diversos movimentos como Congregações Marianas, a Associação Cristã dos Moços, as Filhas de Maria, os Jovens Vicentinos e a Legião de Maria sendo estes os grupos mais presentes. Esses movimentos acentuavam a espiritualidade ligada ao carisma intuído pelos fundadores desses grupos e neste momento não se percebe ainda abertura e incentivo ao protagonismo dos jovens.

É o que nos diz Oliveira, reportando-se ao início do século XX e como a evangelização é compreendida. Assim,

(...) os trabalhos que envolviam os jovens eram genéricos, sem metodologia e voltados para dentro da própria Igreja. Não havia trabalho com a "juventude" ¹, o que existia, sim, era o trabalho com jovens. Nos movimentos da época, os jovens eram apenas expectadores. A organização e coordenação ficavam a cargo dos adultos. Embora os encontros servissem para aproximá-los, os jovens estavam sempre submissos aos adultos (OLIVEIRA, 2004, p.14).

No Brasil, educadores cristãos (Ordens Religiosas, Colégios, Faculdades e Universidades Católicas, etc.) acham-se presentes desde o início da história da nossa educação, exercendo larga influência na evolução e na dinâmica da educação e evangelização brasileira. Bem como as congregações Marianas, a Associação Cristã de Moços, as Filhas de Maria, os jovens Vicentinos como os grupos mais representativos, que começaram a mudar sua metodologia com o surgimento da Ação Católica (AC).

Conforme Oliveira (2004, p. 14), a Ação Católica se difunde com muita intensidade nas Igrejas da América Latina nos anos de 1930 -1950, conforme o modelo italiano. Aos poucos a ação católica vai se especializando e surgem grupos específicos de juventude: operários, estudantes, do campo, universitários e independentes.

No Brasil, a ação católica surgiu a partir de 1930, quando o país via o capitalismo desenvolver-se, as indústrias crescerem e a classe operária tomar vulto. Sua história por aqui pode ser dividida em dois períodos: ação Católica Geral (1932-1950) e Ação Católica especializada (1950 -1966), conforme sugere Boran.

Podemos afirmar que a Ação Católica teve grande influência na formação dos jovens católicos, num primeiro momento dessa organização incentivava a formação de leigos passivos e submissos e mais tarde foi uma iniciativa tímida da Igreja em abrir-se à participação ativa dos leigos. Muitas marcas na história e de expressão da juventude, atuando como protagonistas e buscando valer os seus direitos.

Boran resume essa mentalidade de submissão da época citando elementos da conclusão da Segunda Semana Nacional da Ação Católica no Brasil ocorrida em 1946. Segundo ele,

A Ação Católica protesta a mais filial submissão a todos os membros da hierarquia, cujas palavras de ordem sempre se alegrarão de cumprir e defender, e cujas diretrizes sempre se empenharam em erigir como norma de ação. Essas palavras se dirigem não só à Comissão Episcopal de Ação Católica e a todo o episcopado, como também aos seus legítimos representantes: os párocos e os assistentes eclesiais (BORAN, 2003, p.23, 24).

Boran continua situando o lugar dos jovens na história da evangelização, pois,

Ninguém podia prever que esse mesmo movimento fosse destinado a evoluir, na sua segunda etapa, para formar jovens com postura bem diferente. Dele surgiram jovens com vocação para sacudir a Igreja e a sociedade e plantar sementes de uma Igreja e uma sociedade nova, em muitos países (BORAN, 2003, p. 24).

Vale lembrar que essa nova juventude que desponta vai crescendo a partir dos vários ramos da ação católica especializada: Juventude Universitária Católica (JUC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Independente Católica (JIC). O método VER-JULGAR-AGIR, põe os militantes dentro da realidade e fazem a ponte entre fé e vida, fé e política.

Dick faz memória de como esse método propôs à juventude condições de serem protagonistas em seu processo formação, e não ser apenas tratado de maneira paternalista ou autoritária. De acordo com Dick,

As heranças que a Ação Católica Especializada deixaram são a utilização do método Ver-Julgar-Agir, a busca de uma prática a partir da realidade concreta, considerando questões sociais, políticas, a formação na ação, a descoberta da necessidade de se lutar pela transformação das estruturas sociais, o uso pelos grupos de espaços de revisão de vida e de prática, a compreensão da fé vivida no engajamento social, a descoberta e a opção pedagógica pelos pequenos grupos e o despertar para o protagonismo juvenil. (DICK, 2003, p.280).

O crescimento dessa consciência política e a necessidade de uma transformação nas estruturas sociais fizeram com que a repressão militar conseguisse desarticular quase todas as formas de organização dos jovens da Ação Católica. Na década de 1970 surgem os Movimentos de Encontros e os Movimentos Internacionais, em sua maioria, transplantados da Europa, tais como Cursilhos de Cristandade, Focolares, Renovação Carismática, Comunhão e Libertação e outros. É bom recordar que estamos vivendo o período da ditadura militar e que a participação em grupo sofre um controle, as ações voltam mais para a pessoa e seus sentimentos e não para as causas sociais.

A preocupação com a descontinuidade dos Movimentos de Encontro, com a dispersão e o isolamento dos grupos de jovens, a falta de objetivos claros, as pequenas comunidades e a pastoral de conjunto, os processos de planejamento participativo, a pedagogia do oprimido, o novo lugar dos jovens na Igreja e na Sociedade, são os elementos que forçam a organicidade da Pastoral da Juventude em todo o Continente, segundo nos afirma Eliomar Ribeiro.

Avançando um pouco na história acenamos outro momento histórico que convém lembrar; a Conferência de Medellín e Puebla que indicava como se vislumbrava o lugar do jovem na Igreja. Assim, como nos diz Silva,

Na América Latina a repercussão do Vaticano II foi visível nas conferências de Medellín (1968) e Puebla e (1979). Essas conferências destacam como prioridades a opção pelos pobres e pela juventude. As opções pelos pobres e pela juventude tiveram como pano de fundo uma disputa entre, de um lado, os Bispos da chamada Teologia da Libertação, que percebiam a necessidade de uma maior inserção da Igreja na realidade sofrida da América Latina e, de outro os Bispos da linha mais conservadora que optaram pela juventude (SILVA, 2006, p.106).

A Igreja neste momento não tem clara a questão da juventude, percebe

neste século que a capacidade de trabalhar com a geração jovem é questão de vida ou de morte para ela. Foi, também, capaz de perceber a necessidade de uma contínua adaptação (Boran, 2006, p.23).

No Brasil percebe-se a articulação da Pastoral da Juventude a partir de 1971, com a preocupação da CNBB em nomear alguns assessores com a função de acompanhar um possível trabalho com jovens, o Padre Hilário Dick, é o primeiro assessor nacional do Setor juventude da CNBB.

É a partir de então que se começa à articulação e organização da Pastoral da Juventude por regiões dentro do país conforme a organização da CNBB e também, a preocupação pelas linhas de formação dos jovens. Foi um longo período marcado por muitas iniciativas de articulação, reflexão e busca de caminhos de organização.

Olhando o caminho percorrido pela Pastoral da Juventude, podemos dividir em quatro fases a história da Pastoral da Juventude no Brasil: as primeiras articulações (1971-1983), a elaboração teórica (1984-1989), o avaliar para avançar (1990-1995), a missão (a partir de 1995) (Doc.76, CNBB, 1998, p.104).

As primeiras articulações foram esforços de reunir as experiências espalhadas por todo o país, organizar os regionais que não estavam com os trabalhos de Pastoral da Juventude organizada, definição de princípios orientadores para a ação da Pastoral da Juventude em nível nacional, opção de organização em blocos (norte, sul, leste, nordeste e extremo oeste) visto ser tão diversificada a realidade do território brasileiro. Neste período foram realizados dois concílios de jovens e, em 1983 a criação do Setor Juventude da CNBB com a missão de animar o conjunto da Pastoral da Juventude do Brasil, a saber: Pastoral da Juventude (PJ),

Pastoral da Juventude Rural (PJR), Pastoral da Juventude no Meio Popular (PJMP) e Pastoral da Juventude Estudantil (PJE) como também a relação com as congregações e movimentos que trabalhavam com jovens, conforme relatado no Marco Referencial da Pastoral da Juventude.

Ainda segundo esse Estudo 76, 1998 a fase da elaboração teórica marca a afirmação da Pastoral da Juventude orgânica, onde se refletiu a articulação e organização, o processo de formação integral, a metodologia, a espiritualidade, a iniciação e militância na PJ, os meios específicos e coordenação.

Assim como, todo o processo feito (encontros, seminários e assembléia nacionais e regionais) foi de grande importância, para a troca de experiência e capacitação, foi sendo construída e concretizada uma pastoral da juventude pelo esforço de jovens coordenadores e assessores adultos. Valem lembrar algumas temáticas estudadas nestes encontros e seminários nacionais que fundamentaram a elaboração teórica: Fé e Militância Política, Afetividade e Sexualidade, Espiritualidade e Afetividade, Dimensões da Formação Integral, Vivência eclesial do Jovem e Planejamento Pastoral; temas estes publicados posteriormente em cadernos de estudos visando também à formação dos grupos de base da Pastoral da Juventude.

A partir de 1987, os Encontros Nacionais passam a ser chamados de Assembléia Nacional da Pastoral da Juventude, e passa também a ter caráter deliberativo.

O Marco Referencial da Pastoral da Juventude fazendo esse resgate continua situando a história dizendo que é momento de “Avaliar para Avançar”, essa foi a convocação a organização da Pastoral da Juventude, pois era preciso caminhar também junto com as grandes mudanças econômicas, políticas, sociais, culturais e

religiosas e adaptar-se a essa conjuntura emergente, e redefinir as relações internas marcadas pela disputa de poder entre as PJ's. Neste período houve a realização da 9ª Assembléia nacional que assumiu como prioridade repensar e aprofundar o processo de formação e a metodologia para atingir a juventude definindo a Missão.

Após a Décima Primeira Assembléia Nacional podemos dizer que se vive uma nova etapa na caminhada da Pastoral da Juventude, é “hora de avançar”, elaboraram-se Projetos de Ação, Formação da Pessoa Humana e para a Cidadania e Projeto de Espiritualidade, tendo cada um seus respectivos princípios norteadores que garantem a unidade da pastoral da juventude em todo o Brasil. Pela primeira vez elaborou-se um Plano Trienal de Missão em nível nacional, que vai sendo avaliado e ampliado no término do triênio segundo o Marco Referencial da Pastoral da Juventude.

Percorrendo esse caminho, pode-se perceber que pelo número de Assembléias, planos elaborados a partir da escuta dos jovens, que o caminho feito apresenta uma evangelização que escuta os jovens. Esses planos foram sempre reconhecidos pela conferência e a proposta da Pastoral da Juventude foi por um tempo assumido como proposta de evangelização da Igreja do Brasil, especialmente pelas Diretrizes da Ação Evangelizadora, citada no capítulo anterior e a sua preocupação com o planejamento a partir da realidade.

A caminhada da Pastoral da Juventude do Brasil é um mudar e adaptar-se constantes. Exigindo, assim, novas posturas frente às propostas vindas dos jovens como: empenho, investimento, formação e credibilidade no trabalho e nos esforços daqueles que abraçam essa causa para que a evangelização possa acontecer a partir das relações. Para isso é preciso não perder de vista esse princípio: A Pastoral

da Juventude é a ação evangelizadora da Igreja entre os jovens, onde os próprios jovens são protagonistas de sua evangelização, assumindo-se como evangelizadores de outros jovens. (DOC.76, CNBB, 1998, p.172).

A Igreja tem interesse em renovar seus quadros, por isto, se preocupa em conquistar os jovens, através de seu Programa de Evangelização da Juventude. Isto pode ser percebido em seu documento de planejamento da ação onde se destaca o cuidado com a juventude.

Os jovens, considerando-se a situação que encontram na sociedade de hoje. Ela lhes apresenta uma oferta imensa de experiências potenciais e de conhecimentos, mas não lhes fornece recursos adequados para satisfazer suas aspirações. Além disso, muitas vezes os desvia para caminhos ilusórios de busca do prazer. [...] Grande importância tem uma Pastoral da Juventude, amadurecida e assumida pela Igreja em seu conjunto (DGAE, CNBB, 2003, p. 198).

Revela assim, o compromisso desse acompanhamento aos jovens que precisam de oportunidade para crescer e se desenvolver. Que merecem através da evangelização o conhecimento de Jesus, seu modelo de vida e assim, a possibilidade de fazer uma opção de vida comunitária que promova uma mudança na sociedade.

Essa preocupação da Igreja Católica no Brasil foi retomada em um estudo de dois anos, buscando envolver seus adeptos/as em uma busca de registrar o modelo de evangelização que esteja de acordo com os interesses dos Bispos. Por isso, recentemente a evangelização da juventude, passou a ser temática central da Assembléia dos Bispos do Brasil, o que resultou, o documento 85, com caráter de Lei, onde mais uma vez, ressalta que a evangelização dos jovens é tarefa para toda Igreja, não pode ser considerada como um simples processo de transição na vida

do jovem, movidos pela necessidade da conquista e manutenção do trabalho com a juventude nas Comunidades Católicas.

Consideramos que ao longo da história, houve o esforço de muitos jovens e lideranças religiosas em construir e organizar o processo de evangelização da juventude; porém não podemos omitir também que nem sempre a relação entre jovens e Igreja foi harmoniosa. Algumas propostas de alguns setores da Igreja não vão de encontro com os anseios da juventude e vice-versa, o que ocasionou muitos conflitos e desânimo nas lideranças da juventude que, muitas vezes se sentiram agredidos em seu protagonismo vendo ser desconsiderado o caminho e os passos já percorridos.

1.3 O que se entende por Evangelização

Se considerarmos que o propósito da Igreja e sua finalidade podem ser resumidos em “existe para evangelizar”, isto é, para anunciar a Boa notícia do Reino, proclamado e realizado em Jesus Cristo (cf. EN 14) esta é sua graça e vocação própria. (D N.C.DOC. 84, CNBB, nº. 30).

O documento 84 continua afirmando que,

O centro do primeiro anúncio (querigma) é a pessoa de Jesus, proclamando o Reino como uma nova e definitiva intervenção de Deus que salva com um poder superior aquele que utilizou na criação do mundo (DNC nº. 30, CNBB, 2007, p.47).

Nesta perspectiva a evangelização constitui a palavra com que a Igreja designa sua missão. Ela propõe que a evangelização torne-se presente, ali onde as pessoas se encontram. O Concílio Vaticano II consagrou uma concepção nova de igreja ao apresentar a Igreja como sacramento universal de salvação e como sacramento de união do ser humano com Deus e dos seres humanos entre si,

superando a eclesiologia tradicional, fundada no axioma “fora da Igreja não há salvação”, portanto, algo que passa pelas relações entre os sujeitos.

O Diretório Nacional de Catequese apresenta um conceito de evangelização marcado por essa preocupação, indicando que as relações entre o sujeito e Deus, entre os irmãos na comunidade eclesial e, na construção de uma sociedade que parte do princípio que os sujeitos se comprometem com a justiça social, a participação e o direito de todos à vida.

Evangelização é tudo o que a Igreja realiza para suscitar e alimentar a fé dos fiéis e para transformar o mundo à luz dos valores do Reino de Deus (cf. GS 39,89 e 91) A evangelização implica não apenas o anúncio do Evangelho por palavras, mas também a vida e ação da Igreja: envolve os gestos sacramentais, dentro da comunidade viva que celebra o mistério do amor do Pai em Cristo, no Espírito Santo: implica também a promoção da justiça e da libertação: apresenta-se não apenas como caminho que vai da comunidade cristã, mas também como acontecimento no mundo, dentro do qual Deus continua sua obra salvífica (DNC, n° 32, CNBB, 2007, p.48).

Também o documento do Episcopado Latino Americano, reunido em Puebla enfatiza que: a palavra “evangelizar” põe em evidência a atividade eclesial, continuação da missão de Jesus. A Igreja existe para evangelizar com credibilidade, por isto, afirma que também seus membros necessitam rever suas posturas, ou seja, uma conversão constante. Evangelizar é missão de todo o povo de Deus, que a exerce corresponsavelmente, o que implica considerar também os jovens como sujeitos da evangelização. Em Puebla também se reforça a evangelização como lugar das relações.

Evangelizar é anunciar o Reino de Deus, prolongando através dos tempos a missão de Jesus, que veio trazer a Boa Nova aos pobres, anunciar aos cativos a libertação e aos cegos a restauração da vista, dar liberdade aos oprimidos, proclamar o ano da graça do Senhor. (Lc. 4,18; Puebla, 227,1979).

- Evangelizar é também denunciar profeticamente o que se opõe à dignidade do homem e ao Plano de Deus. (Puebla, 238).

- Evangelizar é renovar toda a vida da sociedade a partir de dentro, não de maneira decorativa, como que aplicando um verniz superficial, mas de maneira vital, em profundidade, e isto até as suas raízes, as culturas dos homens, modificando pela força do Evangelho os critérios do julgar (...) as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade. (DOC.PEUBLA, nº. 348, 1979).

Com esta afirmação o documento de Puebla coloca todos os homens e mulheres como protagonista da evangelização, dá credibilidade ao ser humano na tarefa de continuadores da missão de Jesus. Com isso, queremos dizer que a Igreja toda está a serviço da missão, ou seja, na relação com o outro, no cuidado e no respeito com o protagonismo daqueles/as que estão recebendo esse anúncio dos agentes que já foram evangelizados.

David Bosch, missiólogo protestante, também nos ajuda a compreender o que significa evangelizar, delineando um conceito para o momento atual. O autor parte da convicção de que “missão” e “evangelização” não são sinônimas, no entanto estão indissolivelmente unidos na teologia e na prática. Apresenta o conceito na mesma direção, relação onde Deus se revela e estabelece o diálogo direto com a humanidade. Segundo Bosch,

Evangelização é testemunhar o que Deus realizou, realiza e realizará. É o anúncio que Deus, criador e Senhor do Universo, interveio pessoalmente na história humana e o fez de modo mais extremo na pessoa e na prática de Jesus de Nazaré: em Jesus encarnado, crucificado e ressuscitado, o Reino de Deus foi inaugurado (Revista Missões, edição Dezembro / 2000, Site acessado em 30/10/2007).

Essencialmente, a evangelização não é um apelo a tornar algo mais efetivo, como se o Reino de Deus fosse inaugurado a partir da nossa resposta ou se

estivesse comprometido com a nossa recusa. A nossa é uma resposta a quanto Deus já realizou. Portanto, a evangelização não pode ser definida em base a resultados, como se ela dependesse do número de convertidos centrando na qualidade e no modo como os sujeitos evangelizadores/as assumem o mesmo valor apresentado: de ser Aquele que vem estabelecer o diálogo, se fazendo presente na humanidade.

Neste sentido, a evangelização é sempre um convite. Evangelizar é comunicar alegria, é transmitir uma mensagem positiva, é uma esperança oferecida ao mundo. Não deve nunca degenerar em sedução, pior ainda, em ameaça. É um diálogo que respeita a austeridade e provoca autonomia.

Nesta mesma direção Agenor Brighenti enfatiza que a questão do diálogo, a relação que se estabelece ao provocar a evangelização precisa estar presente de modo gratuito, em uma relação que não se processe resultados, porém encontros de pessoas que se querem bem. Assim,

O termo “Evangelização” expressa a idéia de levar gratuitamente o Evangelho e estabelecer, com o interlocutor, uma relação dialógica, que pode redundar na conversão. Mas isso não depende do evangelizador. Seu papel é “dar de Graça” (BRIGHENTI, 2006, p. 87).

Nesta perspectiva de evangelização, tanto na Igreja como fora dela, busca-se impulsionar o Reino de Deus, do qual a Igreja é uma mediação privilegiada, pois a proposta do reino é para todos os seres humanos e não se restringe apenas a uma Igreja ou denominação religiosa. O importante é acolher os frutos do Reino já

presentes na vida do ser humano e seu contexto e ajudá-lo a encarnar, a seu modo, o Evangelho em sua vida e em sua cultura.

Esse mesmo autor salienta que convém tecer algumas considerações a respeito da nova pedagogia da evangelização. A superação do eclesiocentrismo transforma qualquer forma de proselitismo num procedimento antievangélico, portanto a falta de escuta dos desejos, a não atenção com a proposta e com o caminho da comunidade é um gesto que não evangeliza.

A sedução é a mais sutil das violências. A Igreja é mediação de salvação, certamente privilegiada por seus meios de santificação como a Palavra e os sacramentos, mas não única e exclusiva. Evangelizar não é sair da Igreja a fim de trazer “convertido” para dentro dela, mas oferecer o Evangelho gratuitamente. A verdadeira conversão é fruto da graça, apoiada antes na persuasão do que na sedução e na coação (BRIGHENTI, 2006, p.88).

Isso nos ajuda a compreender que o respeito pelo diferente desqualifica toda e qualquer pretensão de satanização da religião do outro, assim como etnocentrismos velados ou o mito de uma cultura superior. De acordo com a pedagogia de Jesus, na obra da evangelização não é tanto o Evangelho que se incultura, mas os sujeitos da cultura que se apropriam dele, a seu modo. E como não há cultura sem religião, também não há a verdadeira evangelização sem diálogo inter-religioso.

Neste sentido, pensar a evangelização da juventude em uma sociedade que se apresenta sempre mais complexa, acolher sua cultura e sua visão de mundo é fundamental para compreender as relações como espaço de evangelização. Nesta sociedade complexa atuam sistemas autônomos: ciência, tecnologia, economia, política, comunicação, ideologia, religião... A crescente globalização provoca crescimento econômico desigual, priorizando o capital especulativo. Embora tenha

aspectos positivos (maior produção e circulação de bens, facilidade de comunicação, progressos tecnológicos), ela é vista com crescente desencanto. Provocou aumento sensível de riscos: catástrofes climáticas e ecológicas, químicas, atômicas, o terrorismo, torna-se um desafio ou exige novas posturas éticas, de desenvolvimento sustentável e compromisso com o futuro do planeta.

Se tomarmos a idéia de religião tendo como foco juventude, podemos dizer que ela poderá ser como um lugar de proteção conforme afirma Mardones:

A religião passa a ser o manto protetor que devolve à juventude a segurança frente ao descontrole do mundo e das ameaças. Fundamentam-se nos recursos dos anjos, espíritos protetores dos antepassados, fenômenos paranormais, o inexplicável, as visões e as viagens astrais. A religiosidade se apresenta como um contrapeso ao mercado flutuante, à importância do estado e aos traumas da modernidade (MARDONES, 1998, p.128).

O mundo caminhando em rápidas mudanças ocasiona ao jovem uma motivação para uma vivência em grupo, isso significa que além de garantir através de uma experiência sagrada algo que lhes alimentem um sentido para viver, a vivência religiosa se apresenta como um catalisador de medos.

Diante da complexidade da sociedade e das incertezas sobre o futuro, as pessoas buscam a satisfação imediata, amplia-se à mentalidade onde cada um decide por conta própria, sem considerar critérios éticos. Há um progressivo enfraquecimento da política, com descrédito dos políticos. Aumenta o desemprego. As comunidades rurais tradicionais ficam reduzidas ou quase desaparecem com concentração desordenada na cidade (urbanização). Há busca individualista também na religião. A experiência religiosa, muitas vezes, deixa de ser

reconhecimento, adoração e entrega ao Criador, para tornar-se busca de utilidade individual segundo as reflexões apresentadas por Silva.¹

Há de se considerar o que os dados estatísticos têm afirmado: a diminuição do número de católicos, e, em contrapartida o crescimento dos evangélicos e o dos que se declaram sem religião, e este fato também se observa entre os jovens como afirmou a pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”:

...os que se declararam “acreditar em Deus, mas não ter religião” somam 10% no conjunto dos entrevistados, sendo 64% de homens e 36% de mulheres, distribui-se por todos os grupos de idade um pouco mais entre os mais velhos (21 a 24 anos-36%) (NOVAIS, RETRATOS DA JUVENTUDE BRASILEIRA, 2000, p.272)

Pensando os jovens nesta relação com a religião os dados afirmam que os jovens possuem três atitudes em relação à religião: a primeira é a de que a religião é importante e algo interior, que cabe a cada um acreditar do seu modo; a segunda daqueles que acreditam e participam muito pouco, se limitando a participações eventuais: e a terceira dos que acreditam e participam ativamente dos grupos da Igreja. Estes últimos sentem que a religião dá sentido e influencia suas vidas, mas que isso não os impede de fazerem suas críticas (SCHIMIDT,1996, p.111).

Quando se trata de juventude, e ao analisar a evangelização da juventude, numa perspectiva dialogal como sugere Brighenti teremos que investigar como os jovens se sentem e como eles percebem se são acolhidos pelas lideranças/hierarquia da Igreja, no caso de estudo, Igreja Católica Romana, ou seja, Bispos, Padres, lideranças adultas que estão na direção. Se considerarmos uma sociedade adultocêntrica, onde os adultos são referência, parece não ser uma tarefa muito fácil lidar com o tema da evangelização visto que os jovens por estarem em

¹ Silva, Lourival Rodrigues da. A Religião em tempos de Pós-modernidade e a juventude. Revista Redemoinho. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e institutos de juventude, 2006, p.41-46.

um tempo de busca de referência, de lugar, de auto afirmação, entram em conflito com as autoridades que estão à frente do poder religioso.

Os Bispos da Igreja Católica, ao fazer o estudo, reconhecem alguns desafios de evangelizar a Juventude contemporânea em período de mudanças conforme relata o documento 85 – CNBB, onde declara:

A responsabilidade de anunciar Jesus Cristo e seu projeto aos jovens convoca-nos a uma constante vigilância para que a vontade de Deus e os sinais dos tempos sejam respondidos de modo adequado, principalmente em uma época de muitas mudanças (CNBB, 2007, p.11).

Afirmam ainda, que a Igreja tem clareza que os jovens são mais sensíveis às mudanças e propensos a aceitar o novo. Tudo o que acontece na sociedade tem seus reflexos na ação evangelizadora da juventude. Como então tornar suas ações e linguagem mais próxima da juventude? Um fator que implica muito nesta relação com a juventude é a relação de poder, não muito aceita no meio juvenil e temida pelas lideranças religiosas que possuem algum tipo de comando no âmbito religioso e muitas vezes sentem esse poder ameaçado ou questionado pelos jovens quando organizados/as. A falta de diálogo e abertura ocasiona muitas tensões e conflitos nestas relações. Falar em evangelização neste contexto se torna causa de muita resistência e questionamentos por parte dos jovens.

O documento 85 parece apontar um caminho de diálogo com todas as forças que trabalham com juventude deixando transparecer no texto que, o que se espera, não é a legitimação de um único modelo de evangelização da juventude, mas, a partir das experiências, história e riquezas, pontuar o que parece essencial para se estabelecer um processo de evangelização, que oriente todos os grupos, instituições, movimentos, pastorais, congregações e serviços que trabalham com jovens.

É evidente que a evangelização da juventude apresenta muitos desafios, urgências, questionamentos. Almeja-se que se possa enxergar o jovem não somente objeto de evangelização, mas considerar suas potencialidades, seu dinamismo, sua inquietação, e ampliar a evangelização a outros espaços da sociedade, sobretudo a realidade de exclusão social.

A realidade do trabalho cotidiano com a juventude nos mostra que os evangelizadores que se dispõem a acompanhar a juventude, sobretudo líderes religiosos que assumem uma presença no meio dos jovens e desejam realizar sua missão com eficiência; alguns elementos são necessários e qualificam a relação com os jovens. Dentre eles, cito a compreensão de sua realidade, a escuta de seus anseios e necessidades, o apoio, o amor, acolhendo e valorizando seu protagonismo. Nesta relação vemos possibilidade de ser a Igreja, mediadora da evangelização e educadora da juventude.

CAPÍTULO 2 - O PAPEL DA IGREJA COM EVANGELIZADORA DE JUVENTUDE

2.1 O papel do Educador

O papel do educador/a é necessário para compreender a relação dialógica entre a Instituição e os jovens, a sua força legitimadora de papéis ou libertadora, quando proporciona ou não a formação da identidade, a busca de referencial, a construção de respostas para a própria vida. Desejamos apresentar inicialmente a compreensão de que a educação não se limita ao espaço formal escolar como deduzem, por isto, se faz necessário ampliar para todos os espaços de convivência e relação, alargando o conceito de educação para compreender a tarefa em qualquer tipo de relação com a pessoa humana.

O Educador segundo o dicionário é aquele que se ocupa da educação. Alguns conceitos de educação estão impregnados em nossa cabeça desde a nossa infância. Nossa dificuldade é o exercício para desconstruir conceitos, não só reproduzir ações, mas escutar, falar, pensar e agir de forma consciente e crítica.

Segundo, Leonardo Boff a importância do ato de educar se dá no ensinar a pensar e não apenas em transmitir conhecimentos. Assim,

“Hoje em dia conhecemos muito, mas pensamos pouco o que conhecemos”. Aprender a pensar é decisivo para nos situar autonomamente no interior da sociedade do conhecimento e da informação. Para pensar, de verdade, precisamos ser críticos, criativos e cidadantes (BOFF, 2005).

Se recorrermos em nosso marco legal, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº. 9394/96, aponta para a idéia de que a educação é um processo de vida e não uma mera preparação para a vida, sendo assim, há de se ressignificar os processos didáticos, de modo que, através deles, possa a vida fazer parte do cotidiano educativo para a construção de seres críticos, criativos e cuidantes.

Essa afirmação nos faz reportar à tarefa de educar que deve ser cada vez mais integral e processual e não apenas considerar momentos estanques do ser humano, o que vai exigir do educador posturas libertárias e que promovam a integralidade da pessoa.

Nesta mesma direção Gadotti afirma que ser educador é intensificar essas qualidades na vida cotidiana e no seu fazer educação, pois,

Ser professor hoje é viver intensamente o seu tempo com **consciência e sensibilidade**. Não se pode imaginar um futuro para a humanidade sem educadores. Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas (p.17, 2003).

Ressignificar a educação passa primeiramente pelo conceito de educação e a quem e a quê, ela se destina. A favor de quem e contra quem a educação se coloca? Faz-se urgente também ao pensarmos educação termos uma visão significativa e ampla do mundo em que vivemos seus conceitos, sua utopia, e o tipo de cidadão que ele (o mundo), precisa para enriquecê-lo, transformá-lo e pensá-lo de forma mais crítica, criativa e amorosa.

Pensar a educação implica em pensar sobre o mundo que estamos. Que tipo de mundo é esse em que vivemos: no trabalho? no político? no intelectual? no religioso? Esta prática ajudará para o exercício da educação do sujeito, considerando que estamos tratando do mundo proposto pelos princípios desta mesma educação, conforme já trabalhados no capítulo anterior.

A tarefa de diálogo com o mundo atual que também fazem outros grupos como a família, Igreja, escola requer dessas instituições certa clareza e reconhecimento da limitação e se dispor a recriar o ser humano permanentemente. São muitas as mudanças a serem elaboradas e percebidas como conteúdos para a educação, para a evangelização.

Gadotti reforça a idéia dessa atenção ao mundo em mudança dizendo que

A escola precisa estar atenta às mudanças profundas que o contexto midiático contemporâneo está provocando na cabeça de crianças e jovens. Em média, no mundo, uma criança passa 4 horas diárias em frente à televisão. No Brasil são 8 horas. Em média, no mundo, a criança passa 8 horas diárias na escola. No Brasil são 4 horas. E mais: os professores passam mais tempo com as crianças do que os pais. Passamos muito tempo na escola, passamos muito tempo diante da televisão (p.50, 2003).

Madalena Freire aborda educação como movimento de vida e morte. “Para permanecer vivo, educando a paixão, desejos de vida e de morte, é preciso educar o medo e a coragem”. Esse movimento se dá em todos os sentidos: da visão, da escuta e da fala, do ensinar e aprender. Assim podemos compreender evangelização como construtora da identidade pessoal, atenta às necessidades básicas do ser humano, que promove uma educação permanente e integral e relações mais humanas na sociedade.

Assim podemos também vislumbrar a evangelização da juventude como lugar da alegria, da esperança, do otimismo, do dinamismo e sonho de verdadeiras comunidades que possam contribuir na construção de uma sociedade solidária.

Em seu papel de educadora a Igreja como a escola deve repensar seus espaços de atuação e suas relações, como enfatiza Gadotti. Segundo ela,

Só aprendemos quando colocamos **emoção** no que aprendemos. Por isso é necessário ensinar com **alegria**. Nossas escolas continuam preocupadas em ensinar e não param para pensar o que é ensinar, como se aprende, porque se aprende. “Dar aulas” tem-se constituído na única preocupação da escola. Tudo se resume na “aula”. Precisamos parar para pensar a escola, pensar no que estamos fazendo. (p.49, 2003).

Tanto a evangelização como a educação devem ser responsáveis pela qualidade nas relações, não o ensinar por ensinar; esse fazer deve ser permeado de sentido, pois ser educador como evangelizador é “construir cabeças” que percebam que podem transformar as suas vidas e a de outras pessoas. Freire sinaliza uma marca deixada pelos educadores; essas marcas também podem ser percebidas pela

evangelização. A tarefa de evangelizar e educar podemos dizer, se assemelha ao do arquiteto, podemos construir obras inabaláveis, admiráveis ou obras medíocres que nada representam para o contexto do jovem onde estão presentes. Enfocamos principalmente as relações carregadas de autoritarismo e poder, que também não se ausentam dela as lideranças religiosas quando falamos em evangelização da juventude. Segundo Paulo Freire,

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 2006, p.66).

Nesta mesma direção, para Paulo Freire, a educação decorre do fato de as pessoas serem incompletas e estarem em relação com o mundo e com as outras pessoas. “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados.” Assim a evangelização não é um conjunto de ações pontuais e isoladas, mas uma ação processual que se dá pelo respeito à liberdade de consciência e a religião do outro que consiste em estabelecer uma relação dialógica entre os agentes evangelizadores e membros da comunidade e cultura.

Esse saber inacabado nos coloca em diálogo com o mundo, com as pessoas, para sermos mais, como acrescenta Freire,

A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos povos se torna transgressão ao impulso natural da incompletude (2006, p.136).

Esse processo pelo qual as pessoas vão se completando durante toda a vida na busca de serem mais é o que constitui educação. Na relação de aprendizagem, de troca de saberes e valores, a evangelização dá a sua contribuição, quando se incultura na realidade tomando, sempre, como ponto de partida, a pessoa e tendo sempre presente a relação das pessoas entre si e com o transcendente.

É na relação que mantém entre si e com o mundo que os seres humanos, sem deixar de ser sujeitos, vão se completando e ajudando os outros a se completarem. Igualmente na relação com o mundo eles se completam e contribuem para transformar o mundo: "Ninguém educa ninguém, mas ninguém se educa sozinho." (Freire).

Vale retomar a idéia apresentada por Paulo Freire de que a educação não é neutra, assim também a evangelização, que tem suas opções históricas, suas intenções, suas linhas de ação e sua intencionalidade que é o discipulado. Assim,

Ela está num lugar, num contexto histórico, tem a sua intencionalidade. É política sem ser partidária. Possibilita ao ser humano a prática da liberdade, do diálogo, da autonomia, do pronunciar o mundo porque sua tarefa primordial no ensinar e aprender não se reduz a ler somente à palavra, mas a ler o mundo (FREIRE, 2006, p.110).

É um ato criador na sua capacidade de modificá-lo, problematizá-lo e se posicionar diante dos fatos, dos acontecimentos do dia a dia.

Para isso o exercício de dizer a sua "palavra", mas não qualquer palavra, a palavra boa, a palavra certa, que nasce da reflexão e da consciência crítica. Assim se pode dizer que o jovem vai dizer sua palavra no espaço eclesial, social, cultural quando, na medida em que se evangeliza, é evangelizado e leva ao seu meio específico os valores éticos, cristãos etc para outros jovens.

“Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história e da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar.” (FREIRE, 2006, p.77).

Educar é uma arte! Que exige pesquisa, respeito aos educandos, criticidade, ética, aceitação do novo, humildade, tolerância, alegria e esperança, convicção de que a mudança é possível e tantos outros saberes necessários nesta construção social, econômica, política etc, que é a vida.

Concluimos assim a idéia de que na educação e na evangelização pressupõe superar o amadorismo; não basta somente boa vontade e querer acertar, mas respeitar e valorizar os outros, acolhendo suas experiências e fazendo com que todos sejam sujeitos do processo, no papel de educar e evangelizar.

2.2 A Igreja como Educadora

Entender a educação e o papel que nela se exerce se torna fundamental para a ação educativa que se quer desenvolver. A seguir, prosseguiremos na reflexão sobre evangelização da juventude tendo a Igreja como mediadora dessa educação visto que o tema perseguido nesta pesquisa é a relação dos jovens com as lideranças do clero. Queremos com isso pontuar alguns aspectos que ampliem a compreensão de como a Igreja assumiu ao longo dos anos essa tarefa de educar e evangelizar a juventude.

Como descreve a CNBB no seu citado Documento nº. 47- "Educação, Igreja e Sociedade”:

A Igreja sempre teve viva a consciência de que lhe cabe educar. Já as primeiras comunidades descritas nos Atos de Apóstolos exerciam tal tarefa através da solidariedade de todos entre si, da partilha dos bens e da coresponsabilidade na oração e na missão, assíduas no ensinamento dos apóstolos. Ao longo dos séculos, no mesmo espírito, em resposta aos sucessivos desafios históricos, foram surgindo figuras expressivas dedicadas à educação e à cultura. Em torno a elas foram se reunindo homens e mulheres que fizeram do trabalho educativo seu projeto pessoal de vida, espiritualidade e missão (DOC. 47, CNBB, 1982, p.23).

Anteriormente se discorreu sobre o papel que os educadores exercem na árdua missão de educar, também outras instituições como a Igreja, família que nem sempre alcançaram êxito nesta tarefa e com as mudanças sociais, se depararam com enormes desafios. E, provavelmente a crise de fé e de inversão dos valores morais e religiosos que se faz sentir decorre, em parte, das suas limitações nos campos educacional, catequético e da evangelização.

Nem sempre a Igreja caminhou com a história, se antenou para as mudanças na sociedade e alguns erros e limitações na educação:

A Igreja é, a um só tempo, santa e pecadora. Esta afirmação teológica foi por ela experimentada, dolorosamente, em muitos momentos de sua vida e atuação. Também no campo da educação, reavaliado o papel histórico por ela exercido, a Igreja reconhece a existência de limitações. [...]... Há que confessar, especialmente, a demora em captar as aspirações educativas das classes sociais marginalizadas pelo nosso processo histórico. Em um país que saía do regime oficial da escravidão, exatamente quando a Igreja empreendia seu maior esforço na área da educação formal, essa não se abriu suficientemente para as necessidades desse imenso contingente da população brasileira até hoje, não sem culpa nossa, excluído do acesso à educação e conseqüentemente à participação na vida social e política do País (DOC.Nº. 47, CNBB, 1992, itens 39 e 40 p.26).

Apesar dos esforços e das boas intenções, as escolas da Igreja não conseguiram, no geral, formar em seus alunos uma consciência crítica cristã em

função da construção mais justa de nossa sociedade. Assim, tanto a escola como a Igreja na sua ação evangelizadora deixa sua lacuna naquilo que poderiam empreender quanto à promoção humana, ao enriquecimento cultural, à formação da personalidade dos indivíduos.

Freqüentemente ficamos perplexos diante da frustração atual do homem, mas não nos esforçamos por descobrir as causas do vazio existencial das pessoas. Ficamos estupefatos com as mais incríveis fugas da juventude: drogas, suicídios... Não nos conformamos com a falta de idealismo e pacifismo especialmente dos jovens. Esquecemos, contudo, de buscar as raízes do fracasso de nossa sociedade na educação oferecida e nos valores humanos espezinhados. Culpamos, com demasiada facilidade, a família e os "outros", como se nós não fossemos responsáveis (DOC. 49, CNBB, item 10).

Diante desse fato, e da realidade da crise ética e moral, fica a dúvida: os valores morais e religiosos se perderam ou simplesmente não foram absorvidos por falha ou insuficiência de transmissão dos educadores?

Mais do que descobrir falhas e sucessos, creio na importância de olhar o comprometimento da Igreja e seus educadores hoje, na construção de um "outro mundo possível". Há uma contribuição a ser dada a sociedade e dessa tarefa não podemos nos omitir.

Desde os primeiros anos de nossa vida iniciamos um processo de educação na fé, que nos possibilita vivenciar os vários espaços de um engajamento eclesial e comunitário e nele traçar um caminho, fazer uma opção, abraçar uma causa.

Segundo Madalena Freire "Somos movidos (a) pelo desejo de crescer, de aprender". Para muitos jovens a entrada numa comunidade de fé, num grupo juvenil foi o fator decisivo em sua vida e neste processo a oportunidade de vislumbrar

novos horizontes, no tocante ao seu papel no mundo, seu protagonismo, sua militância.

Em sua tarefa de ser educadora da juventude a Igreja sente-se desafiada a ser espaço de comunhão e participação, sobretudo no universo juvenil: animar a juventude, apostar no seu potencial, acreditar nos seus sonhos, confiar nos seus ideais, ser para eles expressão da missionariedade, promovendo o diálogo com o diferente, colocar-se em defesa da vida em todas as suas dimensões.

Neste pensar a Igreja como educadora da juventude me reporta novamente ao espaço de evangelização que é a pastoral da juventude, como articuladora e formadora de lideranças. Muito se fez ao longo dos anos, mas, a evangelização e educação da juventude ainda é um grande caminho a ser explorado. Os esforços continuam, e muitos ainda acreditam que a Igreja se destacou e pode se destacar no trabalho com as juventudes. Um dos caminhos a ser trilhado é a qualidade evangélica nas relações com os jovens e o reconhecimento do seu trabalho na Igreja.

2.3 As relações como espaço desta Evangelização entre os Jovens e a Igreja

O tema juventude tomou conta de vários setores da sociedade; as instituições se perguntam sobre o melhor jeito de educar, falar, evangelizar ou conviver com os jovens. A Igreja também vive esse estado de perplexidade, pois teme perder a juventude.

Esse item busca detectar como se dá a relação da Igreja com a juventude e como essas relações é espaço de evangelização.

No doc.85 a CNBB assim se pronuncia:

A juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social. (DOC.85, CNBB, 2007.p.26).

Considerando esse contexto de pobreza extrema e de exclusão social e de outros problemas que causam sofrimentos e adversidades, que de uma forma ou outra afetam a juventude, perguntamos como o trabalho de evangelização da Igreja e sua relação com a cultura juvenil promoverão uma integração com a vida e com a história de cada jovem tornando-a harmoniosa.

Ribeiro nos ajuda a entender esse emaranhado na qual vive o jovem hoje e as influências desse contexto social. Segundo ele,

O jovem padece essa confusão da sociedade que agrava ainda mais a sua experiência de busca de sentido ao inserir-se no sistema social. E não poucas vezes “os jovens em sua maioria consideram que não há lugar para eles numa sociedade cujo desenvolvimento é limitado, cheio de desigualdades e exclusões”. A submissão e adequação ao jogo indefinido da sociedade provocam certa anestesia que paralisa nos jovens o que de mais precioso eles possuem: a criatividade. (RIBEIRO, 2006, p.12).

Nesta perspectiva podemos perceber um dos entraves na relação da Igreja com a Juventude é quando esta se parece alheia ou indiferente a ela. Os jovens são criticados e ao mesmo tempo não recebem o devido apoio para suas iniciativas e suas formas de expressão muitas vezes não são visibilizadas pela sociedade e pela Igreja.

Ainda nesta direção de pensar o contexto social vivido pela juventude e que afetam as relações com as instituições hoje, se percebe uma crise de espaço e tempo vivido pelos jovens.

Há uma busca em desfrutar novos espaços que lhes possibilitem criatividade e aproveitamento ao máximo do tempo presente sem muita conexão com o passado e o futuro.

A casa da família, a escola, a Igreja não são mais os lugares preferidos e nem os centros de interesse dos jovens.

Ribeiro nos diz que

Os jovens preferem os espaços não-convencionais, e muitas vezes criam seus próprios espaços, promovendo um verdadeiro deslocamento dos centros de interesse. A garagem do carro é transformada em lugar do ensaio da banda musical, o barracão é o espaço do encontro, da zoeira e da dança e não poucas vezes da confusão e da violência. As paredes dos prédios, os muros das cidades são transformados em lugares para manifestar o jeito contestador de pensar o mundo, na ação e linguagem dos pichadores (RIBEIRO, 2006, p 17).

O não entendimento desse jeito de ser da cultura atual por parte de algumas lideranças religiosas é que entrava a metodologia e linguagem com a juventude, embora muito já se buscasse adaptar-se neste cenário. Porém persiste ainda um descompasso entre os dogmas da Igreja e a vivência da juventude quanto à afetividade e a sexualidade. Por mais que alguns dogmas permaneçam em pé, os jovens não mais o seguem.

A relação da Igreja com a juventude se torna determinante na recuperação de valores que a modernidade hoje está extinguindo: a memória, a disciplina, a esperança, a sensibilidade e o compromisso com a vida em todas as suas dimensões.

Discorrendo sobre o interesse eclesial pela juventude na América Latina Ribeiro cita que a partir de Puebla a Igreja na América Latina deu destaque ao trabalho de evangelização da juventude com esse olhar sobre os jovens:

(...) Os jovens são vistos não somente como destinatários, mas, sobretudo como atores verdadeiros e protagonistas da ação, um «verdadeiro potencial» a ser descoberto e valorizado. A opção pelos jovens, foi de alguma forma estratégica, eles são a grande maioria da população do continente, mas não por isso deixa de ser evangélica, já que os jovens da América Latina são na imensa maioria, pobres. A importância dos jovens para a Igreja consiste também em que eles revelam a sociedade em seu conjunto. Eles vivem mais explicitamente o que a sociedade como um todo está vivenciando. (RIBEIRO, 2006, p. 25).

Na quarta parte das Conclusões de *Puebla*, o segundo capítulo é intitulado «Opção preferencial pelos jovens». O objetivo dessa opção vem explicitado no primeiro ponto:

Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam como resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do Homem e da Sociedade, levando uma vida de comunhão e participação (p.1166).

Ribeiro continua enfatizando sobre a importância das relações com o mundo juvenil, com a pessoa do jovem, opção esta afirmada por Puebla e que a Igreja assume como missão nesse acompanhamento e evangelização da juventude.

A fome e a sede dos jovens só poderá ser saciada se contar com educadores, animadores, assessores que lhes proporcionem um itinerário de fé que integre a própria vida, que evidencie as razões pelas quais vale a pena viver. O educador deverá sentar junto, motivar, acompanhar, orientar, acender luzes, dar pistas, solicitar e integrar a contribuição e a participação dos jovens na Igreja e na sociedade; de modo que tanto a sociedade como a comunidade cristã acolha e valorize o grande potencial juvenil que move o mundo (RIBEIRO, 2006, pág.115).

Os documentos da Igreja no que refere à Juventude continuam fazendo menção desses espaços de relação:

A Pastoral da Juventude do Brasil deve ser oferta permanente de espaços de comunhão-convivência em seus grupos, deve ser hoje uma resposta concreta e visível ao individualismo e à necessidade de convivência e de mística, características da nova cultura juvenil.²

Ribeiro ainda discorre sobre a atitude de quem se propõe a ser acompanhante, educador.

Mas é preciso também que o educador se deixe educar, que aprenda a aprender, que não se conforme com o que já sabe que não se julgue melhor ou maior que ninguém. Em forma de decálogo, algumas qualidades que não devem faltar ao educador hoje: 1) Uma pessoa humana, cheia de afeto, capaz de dar testemunho vivo por seu exemplo de vida; 2) Uma pessoa que saiba acolher e ser presença animadora; 3) Uma pessoa de coração solidário e fraterno; 4) Uma pessoa de sabedoria, competente e atualizada na sua função; 5) Uma pessoa de espírito comunitário; 6) Uma pessoa de idealismo, sonho e esperança; 7) Uma pessoa de misericórdia e vigor; 8) Uma pessoa de paz; 9) Uma pessoa coerente; 10) Uma pessoa de vida interior.³

Assim percebemos que o acompanhante, ou seja, o educador de jovens colabora na construção de espaços onde as relações de diálogo, amizade, confiança levam ao comprometimento e permitem que os jovens descubram seus próprios valores e sejam evangelizados.

CAPÍTULO 3. A EVANGELIZAÇÃO DA JUVENTUDE.

3.1 Quem são os Jovens? O que se entende por Juventude na Igreja e na Sociedade.

² CNBB, *Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil*, Paulus, São Paulo, 1998, 129.

³ CF.A.S.PICCOLO, *Francisco de Assis: por uma pedagogia humanista*, EDUSF, Bragança Paulista, 2005. Trata-se de uma reflexão sobre a pedagogia humanista, onde o A. ressalta, no cap. III, as características de um bom educador.

“Conhecer os jovens é condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece”. (Doc. 85, CNBB, 2007) A intenção desse item é uma apresentação parcial de, quem são os jovens? O que se compreende por juventude tanto na Igreja como na sociedade?

Na afirmação das pesquisas realizadas no Brasil os jovens são apontados como os 34 milhões entre 15 e 25 anos. No último censo do IBGE, em 2000, 50% dos jovens se declararam brancos e 48% negros ou pardos. Em números aproximados, 10,7 milhões sendo que 31% compunham o grupo abaixo de 18 anos: 7,2 milhões, ou seja, 21% tinham 18 ou 19 anos e faixa seguinte somava 16,1 milhões, ou 48%.A grande maioria vive no meio urbano e é submetida a uma acentuada desigualdade social, condição de pobreza em que vive a maioria dos jovens brasileiros.

Regina Novaes, no diagnóstico da juventude brasileira ressalta a necessidade de compreendermos quem é esse público, quais são as demandas que enfrentam os estereótipos que precisam ser superados e como perceber os impactos da modernidade no qual são influenciados. Assim,

A compreensão adequada do que é a condição juvenil e o que a torna singular em relação a outros segmentos populacionais é um ponto de partida fundamental. E isso implica em responder algumas questões básicas: quais são as realidades, as demandas, os problemas, os desafios, os limites e as possibilidades vividas pelos jovens neste momento da nossa história, ou seja, no contexto social vivido hoje pelo país (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p.10).

É gritante a realidade em que vive o jovem, a sociedade excludente que o marginaliza e não aponta perspectiva de um futuro melhor, como nos diz Oliveira que,

Entre os quase 38 milhões de jovens de 14 e 24 anos, aproximadamente 60% são economicamente ativos. Dessa parcela, 46% trabalham sem carteira assinada e 40% são mulheres. Muitos desses jovens exercem trabalho não remunerado, e a ausência de contrato, estabilidade e outros direitos sociais são comuns. O agravamento das condições de vida dos empobrecidos é um dos motivos que tem levado os jovens (e as mulheres em geral) a ingressarem, cada vez mais cedo, no mercado de trabalho, porém com grandes dificuldades, em razão da baixa renda das famílias e do menor grau de escolaridade dos jovens (OLIVEIRA, 2004, p.58).

Esta afirmação nos faz descobrir a situação da juventude brasileira, dando a conhecer os problemas dos quais são vítimas e dos seus valores nem sempre respeitados como acrescenta Regina Novaes, pois,

A juventude se depara com outro tipo de dificuldade: raramente é considerada, ouvida, respeitada e levada a sério na expressão de suas opiniões e necessidades. Muitos se queixam de serem discriminados nos espaços públicos somente pelo fato de serem jovens (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p. 11).

Além desse descrédito à juventude, outro dado a considerar é que os adultos que acompanham esses jovens, como pais e professores adotam muitas vezes posturas de julgamento, censuram e se omitem incentivar e acompanhar seus processos, ouvir suas demandas, incentivar suas potencialidades.

Oliveira quando fala dessa realidade juvenil hoje situa a pessoa do jovem na ótica da globalização dizendo. Segundo ele,

O/a jovem de hoje é aquilo que o capitalismo sempre sonhou. Ele (a) tem de estar dentro de uma das formas criadas pela indústria cultural para ser considerado normal. A globalização da juventude é extremamente interessante às agências de publicidade e aos grupos comerciais; a massificação é muito conveniente para eles em todos os aspectos (OLIVEIRA, 2004, p.59).

Quanto aos atributos, algumas características se mostram contraditórias: as propagandas midiáticas apresentam o ideal da eterna juventude, como algo de

extrema sedução, ao mesmo tempo em que estampa as marcas da violência dissipando o medo e culpando os jovens por tais atos.

O doc.85 da CNBB trata a desigualdade social como elemento fundamental a ser considerado quando perguntamos sobre quem é esse jovem:

A maioria dos 34 milhões de jovens brasileiros representa um dos segmentos populacionais mais fortemente atingidos pelos mecanismos de exclusão social. As estatísticas demonstram que a juventude é um dos grupos mais vulneráveis da sociedade brasileira. Ela é especialmente atingida pelas fragilidades do sistema educacional, pelas mudanças no mundo do trabalho e, ainda, é o segmento etário mais destituído de apoio de redes de proteção social (DOC.85, CNBB, nº. 31, p.26).

Novaes relata resultados da pesquisa realizada pelo “Projeto Juventude” que apontam três marcas da juventude na atualidade: ”o medo de sobrar por causa do desemprego, o medo de morrer precocemente por causa da violência, e a vida em um mundo conectado por causa da Internet”.

É preciso levar em conta esse contexto em que o jovem vive hoje. Superar os preconceitos e amenizar as cobranças, como se o jovem fosse o único meio de salvação da humanidade. Assim nos diz Silva que,

Ao abordar a temática da juventude nada melhor do que entrar no mundo dos jovens sem cair nos preconceitos ou reforçar idéias do senso comum. Exige também um olhar atento para evitar a ingenuidade de vê-los como culpado do contexto de um mundo pós-moderno e globalizado, para não responsabilizá-los e lhes dar o papel de únicos responsáveis pelas mudanças e transformações necessárias na sociedade. Falar de juventude exige ter uma abordagem conceitual para além do estado de espírito, de ânimo, energia e força (SILVA, 2006 p. 45).

Constatamos que no mundo, hoje, existem várias tentativas de definir ou conceituar a Juventude. A faixa etária é um dos primeiros critérios utilizado nos estudos populacionais que reflete nas ações governamentais. E nesta tentativa de definir a juventude, que alguns atributos lhes são colocados.

A autora Regina Novaes afirma que

Juventude pode parecer, á primeira vista, um tema óbvio, assim como diagnóstico de seus problemas, uma vez que partilhamos uma noção social sobre a questão, todos convivemos com jovens e temos opiniões a respeito de suas características, problemas e virtudes. Afinal os jovens são pauta constante na mídia, na publicidade e nos produtos da indústria cultural, havendo uma produção incessante de imagens a seu respeito (INSTITUTO CIDADANIA, 2004, p.09).

Embora esses atributos, que caracterizam a juventude tenham sons mais de rótulos, do que uma caracterização do mundo juvenil se escuta alguns chavões que associa a juventude à transgressão, inovação, violência, contestação.

A juventude é vista também como uma fase de transição, uma etapa da vida, como um período de passagem à vida adulta. Alguns marcos tradicionais pontuam a passagem de uma fase à outra, tais como: término da escolarização, entrada no mercado de trabalho ou constituição de um novo núcleo familiar.

Além disso, alguns contextos e trajetórias devem ser considerados, como afirma Lydia Alpizar e Marina Bernal. Definir juventude, segundo as autoras,

Significa assumir que a juventude está permanentemente construindo-se e reconstruindo-se historicamente. Cada sociedade define “juventude” a partir de seus próprios parâmetros culturais, sociais, políticos e econômicos, motivo pelo qual não há uma definição única. Portanto, as perspectivas tradicionais sobre juventude podem ser transformadas, desconstruídas e reconstruídas (ILANUD/REDLAC, 2002, p. 31).

Oliveira (2000, p. 156) acrescenta dizendo: “é muito difícil uma definição precisa, até porque o conceito muda de acordo com a época e a história de cada grupo social em que o indivíduo, identificado como jovem, participa”.

Assim, é preciso substituir uma visão esquemática dos jovens, por outros, a dos grupos com diferentes identidades, por exemplo: jovens trabalhadores, jovens

estudantes, galeras, torcidas, etc, que se tornam visíveis conforme o contexto social - econômico e político em que estão inseridos.

Regina Novaes chama atenção para a evidência do tema juventude, que está em alta nos últimos anos no Brasil. Está em evidência também nos meios de comunicação, nas pesquisas acadêmicas, na religião, nos movimentos sociais, comunitários e nos governos.

A juventude não constitui um grupo social homogêneo, que pensa e age da mesma forma. Há muitas diferenças no interior deste segmento da população: diferenças de classe social; de local de moradia, de escolaridade; de gostos e estilos de vida; de sexo; de cor da pele/etnia; de orientação sexual; de situação de responsabilidade frente à família; de pertencimentos políticos e religiosos (NOVAES, 2003, seminário PJB).

Nesta abordagem que a autora faz se compreende que existem muitas juventudes, no plural.

Luiz Antonio Groppo, considerando a diversidade sócio-cultural e Juventude, diz que.

Esta concepção “juventude” alerta-nos a existência, na realidade dos grupos sociais concretos, de uma pluralidade de juventudes: de cada recorte sócio-cultural-classe, estado, etnia, religião, mundo urbano ou rural, gênero etc. - saltam subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios. Cada juventude pode reinterpretar à sua maneira o que é “ser jovem”, contrastando-se não apenas em relação às crianças e adultos, mas também em relação a outras juventudes (GROPPO, 2000, p.15).

A CNBB dá sua contribuição exortando a Igreja ao cuidado particular com os jovens, considerando a situação que encontram na sociedade de hoje. Reforça as palavras do Papa Paulo VI “Os jovens são um grande desafio para o futuro da Igreja, que deve torná-los protagonistas da evangelização e artífices da renovação social” (DGAE, CNBB nº.198, p.116).

Em outro momento acentua a importância dos jovens na vida da Igreja que tem por missão inseri-los na experiência comunitária de fé, através, do processo catequético; esse cuidado deve incentivá-los a descoberta do projeto de Jesus; vai está além das insatisfações que muitas vezes os jovens manifestam em relação à Igreja.

Pelo marcante significado e pelos riscos a que estão expostos nessa fase da vida, os jovens são interlocutores que merecem uma atenção especial da catequese. Nessa fase, frequentemente se notam também o afastamento e a desconfiança em relação à Igreja. Não é raro se constatar falta de apoio espiritual e moral das famílias e a precariedade da catequese recebida. Por outro lado, também é crescente o número de Jovens presentes na ação catequética (principalmente na catequese da Confirmação), nos eventos eclesiais e sociais, frutos da Catequese recebida. Nossa responsabilidade com o Evangelho e com os jovens inclui cuidar da comunidade cristã para que ela seja de fato um testemunho de coerência com o projeto de Jesus (DNC, CNBB, 2005, nº.190, 191, p.164,165).

Um olhar recente para a juventude que a Igreja faz é o Documento 85 que contemplando a realidade juvenil deseja oferecer luzes para o trabalho junto aos jovens.

Dick sintetiza os pontos relevantes desse olhar da Igreja, quando a intenção da mesma é evangelizar a juventude, considerando os desafios próprios desta tarefa, como também acentuar algumas perspectivas pastorais, nesta ação evangelizadora. Segundo este autor,

O documento “Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais”, aprovado na última assembleia da CNBB, é novidade em vários sentidos. a) Pela primeira vez a juventude merece um documento oficial do colégio episcopal brasileiro num pronunciamento amplo e completo, tentando dizer onde mora a felicidade do jovem na perspectiva da fé; b) Há um esforço de dar uma espinha central para todos os trabalhos de evangelização da juventude. O que está dito vale para todos e não só para alguns segmentos; c) O documento reconhece e afirma algumas opções pedagógicas fundamentais no trabalho evangelizador da juventude: o valor da vivência grupal, a formação integral, a importância da organização, o respeito às diferentes juventudes, o papel do acompanhamento através de pessoas que vivam

o ministério da assessoria como opção. d) Outra grande novidade do documento está na afirmação do jovem como realidade teológica, não só sociológica, cultural, psicológica, jurídica ou biológica (Site Casa da Juventude entrevista com HILÁRIO DICK, acessado em 29/11/2007).

A condição juvenil se desenvolve em múltiplas dimensões, relata Regina Novaes. Os jovens são “sujeitos com necessidades, potencialidades e demandas singulares em relação a outros seguimentos etários.”

Entendendo a juventude como categoria social, podemos ir além da concepção de faixa etária, dos atributos a ela estipulados, ou à fase de transição. A maneira como vemos a juventude é determinante para quem se coloca na postura de acompanhantes, de adolescentes e jovens; pois condiciona o modo de concebê-la e agir junto a esse seguimento populacional.

Em geral a juventude se torna objeto de atenção quando representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social.

O problema é que, em geral hoje, a sociedade toma uma parte pelo todo: o modelo de jovem que se tem na cabeça é usado para falar sobre o jovem em geral, como se fosse um grupo com problemas e interesses comuns.

O objeto de críticas aos jovens em nossos dias é o crescimento da violência nos grandes centros urbanos envolvendo os jovens. Ora são tratados como vítima, ora são tratados como agressores.

Percebe-se que costumeiramente essas imagens se fixam no estereótipo que não correspondem ao real, à diversidade da realidade dos jovens e à complexidade das formas que configuram suas vidas e seu posicionamento frente ao mundo. É preciso ter senso crítico para questionar os mitos e o senso comum.

Este cenário de críticas e descrédito na juventude, não tem eco somente na sociedade, mas também em alguns grupos da Igreja e por parte de algumas

lideranças religiosas, que sentem ser esse trabalho desgastante e sem resultados. É o que nos ajuda a pensar Silva, quando afirma que,

Poucos são os que defendem que a juventude seja uma fase em que se tem permissão para viver com mais intensidade os questionamentos, discernimentos, entendimentos, sonhos. No geral cobra-se da juventude uma postura de compromisso e responsabilidade. Na verdade todas as visões conceituais vêm carregadas de valores e características da categoria social que a define. O que está em jogo é como cada grupo (instituições) deseja garantir que a juventude seja (SILVA, 2006, p. 46).

Conforme o que foi dito é certo que há uma cobrança na juventude para o compromisso e a responsabilidade, especialmente na Igreja, mas pode-se perceber também, que há uma participação significativa dos jovens na vida da comunidade eclesial assumindo tarefas em vários grupos como: Catequese, Liturgia, CEB's, Grupos de Jovens etc. Porém, persistem alguns limites e entraves na evangelização, na maneira de se conceber a juventude e nas relações com as lideranças do clero e do laicato. Iremos considerar a seguir, os espaços nesta evangelização, onde a juventude se faz protagonista e evangelizadora de outros jovens.

3.2 O Jovem como sujeito da Evangelização / Protagonista

Após discorrer sobre as relações como espaço da evangelização entre os jovens/a e a Igreja, percebendo quem são os jovens no cenário desta mesma Igreja e sociedade, queremos a seguir olhar a pessoa do jovem como sujeito da evangelização assumindo seu protagonismo. Para melhor entendimento do que vem a ser protagonista Rabello busca a etimologia da palavra protagonista no novo Dicionário Aurélio encontrando a seguinte afirmação:

Protagonista é: Aquele ou aquela que protagoniza.
 A Palavra protagonismo vem do grego Protagonistés. O principal lutador.
 A personagem principal de uma peça dramática, pessoa que desempenha ou ocupa o primeiro lugar um acontecimento (RABELLO, 2007, p.01).

Nesta compreensão do jovem como sujeito/protagonista Boram diz que “na Pastoral da Juventude, o jovem deve estar na linha de frente”. Deve ser protagonista. Até mesmo por que os jovens não querem ser vaquinhas de presépio, múmias ou estátuas. O jovem deve estar no palco participando, não sentado no meio da platéia, assistindo passivamente. Isto nos faz compreender a dificuldade pastoral, na definição de papéis dos assessores, dentro do trabalho com a juventude, na Igreja. Alguns assumem atitudes paternalistas, ditatoriais, de omissão etc.

Para Costa, o protagonismo é definido como uma "participação autêntica", ou seja, o protagonismo pressupõe a criação de espaços e de mecanismos de escuta e participação. Para isso, é preciso conceber os adolescentes e jovens como fontes e não simplesmente como receptores, ou porta-vozes daquilo que os adultos dizem ou fazem com relação aos adolescentes e jovens.

Acrescenta dizendo que

Importante ainda é lembrar que há falsos tipos de participação, que estão longe de ser ações de protagonismo (jovens manipulados por adultos, jovens "de fachada", que participam de eventos ou atividades como "enfeites"). O desafio, então, dos adultos, é o de apoiar os jovens, ajudá-los a iniciar e manter suas atividades, mas sem assumir a tarefa de tomar todas as decisões e iniciativas (COSTA, 2000).

Acredito que é, a partir dessa concepção, que a Igreja deve favorecer aos jovens o campo para o protagonismo na sua evangelização. Acreditar que a ação deve ser do jovem e sua participação é em todos os âmbitos, desde a tomada de decisões conjuntas, como a execução daquilo que é preciso realizar e não

simplesmente ser comandado pelo mundo dos adultos, em suas determinações. No âmbito eclesial, muitos jovens reclamam ser mais grupos tarefeiros do que participante integral no processo de construção.

Vejamos como a Igreja fala desses caminhos do protagonismo do jovem dando margem ao ser sujeito da evangelização quando reconhece o jovem como lugar teológico:

Considerar o jovem como lugar teológico é acolher a voz de Deus que fala por ele. Não se trata de sacralizar o jovem, imaginando-o como alguém que não erra; trata-se de ver o sagrado que se manifesta de muitas formas, também na realidade juvenil. Dizer que, para a Igreja, a juventude é uma prioridade em sua missão evangelizadora, é afirmar que se quer uma Igreja aberta ao novo, é afirmar que amamos o jovem não só porque ele representa a revitalização de qualquer sociedade, mas também porque amamos, nele, uma realidade teológica em que sua dimensão de mistério inesgotável e de perene novidade (DOC.85, CNBB, 2007, p.55-56).

Sabemos que este, é um processo longo, porém muitos sinais do protagonismo juvenil na Igreja, já foram possíveis de serem reconhecidos. Haja vista o trabalho da Pastoral da Juventude do Brasil, a organização dos grupos de jovens, que proporcionam um espaço de encontro e de construção de propostas, iniciativas concretas, que possibilitam um dinamismo, uma mudança na realidade, em que o jovem se encontra: comunidades, escolas, partidas políticos, espaços culturais, Ongs, etc.

Teixeira nos recorda a importância desse espaço do grupo de jovens que é uma das opções pedagógicas da pastoral da juventude e que muito contribui para a construção da identidade juvenil. Segundo Teixeira,

A participação em grupos, mesmo que não tenha um caráter de mudança social, contribui para criar nos indivíduos uma postura ética sobre as relações humanas, rompendo com a indiferença que impera, impedindo que as pessoas, de modo geral, só enxerguem a si mesmas e seus interesses individuais. Os grupos religiosos podem ser uma

oportunidade para educar os/as jovens para a solidariedade, sendo presença na construção de uma sociedade (TEIXEIRA, 2006, p.122,123).

O olhar da sociedade sobre essa juventude e da própria Igreja ainda é carregado de mitos e preconceitos. Muitos grupos ainda são considerados grupos tarefairos, sem oportunidade de participar, discutir, construir e juntos executar as decisões.

Se não nos despirmos deste modo de olhar, pouca mudança será possível, mesmo que os documentos da Igreja assegurem uma participação, um olhar para a realidade juvenil.

É hora de entender melhor e ouvir o que os próprios jovens querem e pensam, sobre seu futuro, para que possamos construir um novo referencial de sociedade. Para isto, a identificação do jovem como sujeito participativo do processo religioso, político, econômico e social é primordial.

Para isto, o jovem deve ser encarado como sujeito, como pessoa capaz de participar, ampliar, influir e transformar projetos, programas e atividades implementadas pelo governo ou pela sociedade civil. Este incentivo é campo também da evangelização, sobretudo nas relações da Igreja com os jovens, que devem promover as lideranças que surgem ou surgiram nos espaços da Igreja e perceber que esses jovens são extremamente positivos em sua atuação porque tem consciência do seu papel na Igreja, na família e na sociedade e em seus espaços de aprendizagem.

3.3 Os jovens da Pastoral da Juventude na Diocese de Pouso Alegre como se percebe essa relação com a Igreja

A relação da Igreja com os jovens, e esta relação, como espaço evangelizador é o foco principal deste trabalho, onde, através do caminho percorrido e da pesquisa feita buscou-se perceber e analisar de modo particular a relação dos jovens com as lideranças do clero e do laicato adulto, na realidade escolhida que foi a Diocese de Pouso Alegre-MG.

Inicialmente informamos que o olhar feito nesta realidade não contém nenhum conhecimento do trabalho com a juventude local o que permitiu nenhuma interferência no processo de coleta de dados. Foi um “olhar de fora” do trabalho e processo de acompanhamento da juventude, nesta diocese, visto que a pesquisadora residia fora do território da Diocese citada.

Foram feitos contatos com 20 lideranças do clero e do laicato adulto para que individualmente respondessem ao questionário proposto. Através de uma carta, enviada a todos os pesquisados, foi informado o objetivo da pesquisa como também uma apresentação pessoal da pesquisadora.

O questionário continha dados de identificação dos entrevistados; como: nome, paróquia e cidade a que pertencia, bem como função que exercia no trabalho com a Pastoral da Juventude. As questões apresentadas baseavam-se nos objetivos da pesquisa o que nos permitiria afirmar ou não a hipótese levantada. Foram coletados informações de 3 sacerdotes, 1 religiosa, 1 seminarista, 2 jovens assessores da coordenação diocesana e 3 jovens dos grupos de base, somando um total de 10 entrevistados.

A primeira pergunta tentou colher dados sobre os grupos de base e como estes se encontram. Todos os entrevistados estão em realidades que contém grupos de jovens e relatam que os grupos da periferia são os mais dinâmicos e comprometidos, se reúnem para rezar, discutir os problemas sociais, programar suas atividades na comunidade, bem como cantar e dançar com seus estilos próprios. Outros relatam que esses grupos já fizeram uma boa caminhada e hoje sofrem em conseqüências da fragmentação social, cultural e religiosa necessitando de uma estruturação.

Nas respostas é possível verificar uma deficiência desses grupos, especialmente os que se encontram nos centros da cidade, já em contato direto com o que chamamos de influências da modernidade, na realidade juvenil como nos diz uma entrevistada.

“Na realidade os jovens estão confusos na modernidade líquida, pois tudo é superficial, inclusive nas relações humanas e os jovens são inconstantes em seus objetivos dentro do grupo, dificultando até na formação de liderança e nas relações de mostrar que ser jovem de Deus é tão bom quanto ser do mundo” (V.N. Q).

Percebe-se que o olhar dos adultos para os jovens é carregado de desconfiança, que, somados às conseqüências da fragmentação social, cultural e religiosa; influência da modernidade pela qual sofrem os jovens indica um dos desafios que fortemente atinge a evangelização e a relação com as lideranças religiosas, pensamento este já considerado em capítulos anteriores, quando esse universo juvenil é pouco considerado, ou compreendido pelos evangelizadores.

A segunda questão tratou do acompanhamento dos jovens localizando os acompanhantes da juventude na evangelização, o que proporcionam neste acompanhamento e os desafios encontrados, como também a presença dos padres e seminaristas neste acompanhamento; o que sinaliza uma preocupação com a juventude na tentativa de envolvê-los com a proposta de evangelização.

No acompanhamento faz parte as orientações solicitadas, formação e reflexão espiritual tanto local, como diocesano e nos encontros do DNJ e ainda procuram fazer alguma ação social, como os arranjos dos eventos do abrigo São Vicente de Paula, teatro das missões para os missionários durante a formação das Santas Missões populares permanentes. O grande desafio dos jovens é lutar contra a acomodação do mundo globalizado, individualista e consumista no contexto atual em que se encontra a sociedade (V.N. Q).

Os jovens são acompanhados por nós (padres) e pela coordenação escolhida por eles mesmos. O acompanhamento se dá mais na escuta e presença em alguma atividade proposta. São muitos os desafios (S.C. F).

Os grupos são acompanhados pelos padres com assessoria dos seminaristas que realizam trabalhos pastorais na paróquia. No acompanhamento ajudam a dinamizar os encontros propondo atividades e realizando juntamente com os jovens as celebrações e momentos diversificados de lazer para melhor entrosamento. Os desafios são muitos, mas o maior é a permanência dos jovens no grupo (M.R.O. G).

A maior dificuldade é conseguir atingir a maioria dos jovens na paróquia... São poucos avançados (J.S. M).

Persiste a preocupação de que a Igreja possa envolver mais a juventude, através de uma relação de proximidade e encontre meios, metodologia de permanência desses jovens nos grupos. Ainda neste contexto, os entrevistados apontam a dificuldade de acompanhar jovens e mostram preocupação com esse trabalho, que se torna cada vez mais escasso, não há investimentos na capacitação de assessores e pessoas que se disponham a esse acompanhamento.

Os jovens precisam vencer os preconceitos dentro da igreja e dentro das lideranças, pois há muita visão preconceituosa e visão excludente (mãe solteira, usuário de droga, homossexuais). Portanto necessitam de muito diálogo para acompanhar as diferenças e também do apoio de outras pastorais, juntamente com o pároco e assessores dos grupos de jovens (V.N. Q)

Essa preocupação também é lembrada no documento 85 da CNBB quando diz que,

...enquanto em nossas dioceses não existirem assessores que se responsabilizem efetivamente por um trabalho juvenil, os resultados estarão sempre aquém do desejado. Garantir, por isso, a formação de novos assessores, sempre e em todo lugar, será sempre uma urgência pastoral (DOC 85, CNBB, 2007, p.102).

A terceira questão se referia aos trabalhos desenvolvidos pelos jovens em sua realidade e as respostas dos entrevistados apontam que eles se diversificam em: Catequese, Liturgia, Canto Litúrgico, Encontros dos Vicentinos, Acólitos, Renovação Carismática e outros, ligados a área de formação humano-cristã e também social. Sinaliza que há presença dos jovens na Igreja, independente de uma participação em grupos ou pastorais, sente que seu trabalho é uma forma de colaborar com a comunidade e ser reconhecida por ela.

O trabalho dos jovens é de suma importância. Eles assumem catequese, liturgia, arrecadam alimentos para os pobres e são exemplos para outros jovens (B.S. M).

Em algumas paróquias, segundo os entrevistados, há significativa presença dos jovens nas celebrações e nas atividades pastorais. Outros, porém, entram num período de distanciamento voluntário ou casual, das atividades públicas religiosas, conservando ou não alguns hábitos de piedade vividos na intimidade. Alguns jovens se afastam significativamente da vida de fé. Entram num “sono religioso”, fruto da inconsistência das primeiras experiências religiosas ou conseqüência de uma decisão tomada diante da dificuldade de realizar um adequado amadurecimento da vida de fé. Outros interesses, como a negação do transcendente faz surgir os ateísmos em outros jovens, sobretudo universitários; foi um dado constatado no setor pastoral Mogi na diocese de Pouso Alegre. Ainda não é possível sentir a continuidade da vida cristã dos jovens como fruto da catequese, sobretudo daquela vinculada aos sacramentos da iniciação cristã. Neste caso o número de perseverantes não é muito grande.

Apesar dos esforços da atualização catequética, ainda não colhemos os frutos na proporção que desejamos. Os jovens encontrados em nossas paróquias, sobretudo os mais assíduos às celebrações religiosas, são os provenientes dos movimentos como Renovação Carismática, JOVISA, TLC ou comunidades de aliança, ou de vida, que encontram nela a sua inspiração (S.C. F)

Na quarta questão é perguntada sobre o trabalho realizado pelos jovens na Igreja e as respostas nos dizem que o trabalho realizado pelos jovens é visto com bons olhos, de forma positiva, de importância fundamental para a Igreja, pois, eles carregam consigo o dinamismo e a responsabilidade. Isto nos faz afirmar que há

uma abertura para os jovens nestas comunidades e um bom relacionamento dos mesmos com as lideranças que os apontam como esperança para a Igreja.

Os jovens são muito importantes para o crescimento da paróquia, pois a igreja jovem é sempre nova e inovadora! Nossa comunidade tem percebido que é necessário dar uma atenção especial para a juventude, pois realizam um trabalho muito positivo. Uma igreja sem jovens não caminha! Igreja feliz é aquela que tem crianças, jovens, adultos e idosos!(L.S. C)

Por outro lado, outros acenam alguns elementos próprios da realidade juvenil, e não muito entendidos por essas lideranças, quando dizem que os jovens precisam ser mais unidos, perseverantes, deixar de lado a rivalidade, o egoísmo e buscar mais intercâmbio com outros grupos, não ficando só na deles e tomar mais iniciativas.

A quinta pergunta indagava sobre a relação dos jovens com a Igreja e as respostas focam que não basta “resolver ou compreender intelectualmente” uma questão. A resposta à questão religiosa dos jovens é uma práxis. As respostas poderão vir das paróquias, das bases, enquanto seus agentes forem capazes de realizar um processo de aproximação dos jovens lá onde eles se encontram: nas escolas, nos ambientes de trabalho, nas noites, nos locais de esporte. Encontrá-los para escutá-los. Escutá-los para compreendê-los a partir deles mesmos. E então, a Igreja apresentar-lhes o que mais deseja oferecer aos jovens: a pessoa de Jesus Cristo e tudo o mais será consequência.

Por isto poderíamos afirmamos que a relação dos jovens com as lideranças do clero e do laicato adulto é um tema que exige maior aprofundamento, pois é o campo da proximidade ou do distanciamento da proposta da Igreja. A relação de

afeto, acolhida, misericórdia, confiança, diálogo, incentivo, empoderamento do jovem, capacidade de convivência e respeito às diferenças, é o espaço por excelência da evangelização. Quando estes se sentem acolhidos, valorizados, incentivados, eles e elas se envolvem com o processo que vai sendo construído. E, que somente numa relação de igualdade, humanidade, numa atitude de tornar-se próximo, que traduzem a pedagogia de Jesus, sem marcas de imposição, ou radicalidade, na expectativa de que, toda iniciativa dessa relação seja por parte dos jovens.

Vejo que aqui os jovens têm um grande apoio dos padres desta cidade e também da comunidade local. Vejo que precisa melhorar sua própria identidade e ter senso crítico e também mais engajamento e compromisso dentro da Igreja e em diversas pastorais, atividades sociais. Como ainda ter mais motivação e liderança, respeitando e acolhendo as diferenças (J.B. S).

Vejo que os jovens ainda não conseguem aproximar da Igreja e esta não consegue atingi-los no profundo do coração (S.C. F).

A Igreja ainda deixa muito a desejar, deveria olhar com mais carinho e confiar mais nos jovens (M.R.O. G).

Na sexta questão apresentada analisamos o que os jovens buscam da Igreja e o que a Igreja espera dos jovens; nessa reciprocidade percebemos que a maioria dos entrevistados nos dá a entender, que os limites para a evangelização da juventude, que são: o apoio e o investimento por parte da Igreja. O que se poderia concluir que, quando não há o apoio e o investimento nas futuras gerações, as relações ainda estão com indícios de serem autoritárias, clericalistas e preconceituosas.

Há uma busca dos jovens de que a evangelização venha de encontro com a sua busca de sentido para a vida e para a sua fé. Porém, os que são almejados como encontro, como experiências de fé e de relações mais humanas, se chocam com a realidade de pouco acolhimento e contradições.

A Igreja espera do jovem mais participação, engajamento e compromisso nas pastorais existentes nas comunidades e que sejam responsáveis nos objetivos traçados. A Igreja espera ainda novas lideranças para renovar as forças vivas na paróquia (J.B. S)

Os jovens sentem sede de Deus. Ele procura um modelo e eles sentem que as fontes de motivações na vida é o próprio Jesus Cristo, porém sentem necessidade que alguém lhe faça um convite ou tenha alguma motivação forte para entrar no grupo (M.H. S).

Os jovens buscam da Igreja apoio, compreensão e uma forma vibrante de viver sua fé. Esbarram-se muito na pobreza de gente e de recursos financeiros (J.S. M).

Os jovens buscam que a Igreja os acolha em meio às dificuldades. Espera dedicação (B.S.G.S. S)

Os jovens buscam Deus. Buscam atenção, carinho e apoio. A Igreja espera comprometimento na Evangelização (L.S. C).

Diante dessas respostas consideramos que no interior da vida eclesial experimentamos um duplo fenômeno. De um lado, o distanciamento crescente dos jovens das atividades da Igreja. De outro lado, o interesse e as propostas dos Movimentos, Pastorais, Associações Religiosas e de Escolas Católicas, para a evangelização da juventude e através deste trabalho de evangelização, muitos jovens aderem a essas propostas. E hoje, a proposta da CNBB é de articular esses grupos, como uma necessidade dos bispos, para que esses grupos somem esforços para a evangelização da juventude, priorizando as relações humanas e cristãs;

acreditando neste espaço de evangelização, numa sociedade do consumo e do descartável.

Analisamos também como necessário, considerar as conseqüências sofridas pelos jovens, das questões religiosas, da realidade experimentada em sua própria família, muitas vezes não “detentora” de uma experiência de fé vivenciada. Não estaria o jovem aprendendo em casa a não sentir necessidade de uma vivência religiosa?

Enfim, finalizamos essa tentativa de análise, que quer se abrir a outras análises, experiências e formas de conceber a juventude e sua relação na Igreja que através de muitos educadores e evangelizadores fazem do espaço eclesial, espaço privilegiado de encontro com a juventude, e estes com a evangelização.

A fome e a sede dos jovens só poderão ser saciadas se contar com educadores, animadores, assessores que lhes proporcionem um itinerário de fé que integre a própria vida, que evidencie as razões pelas quais vale a pena viver. O educador deverá sentar junto, motivar, acompanhar, orientar, acender luzes, dar pistas, solicitar e integrar a contribuição e a participação dos jovens na Igreja e na sociedade; de modo que tanto a sociedade como a comunidade cristã acolha e valorize o grande potencial juvenil que move o mundo (RIBEIRO, 2006, p.116).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo percorrido o caminho através dos conceitos sobre evangelização, juventude e educação, apresento algumas conclusões à cerca desses conceitos, fundamentalmente, a evangelização da juventude, oferecida pela Igreja Católica. Uma vez visualizado esses conceitos, ressaltamos a importância desse processo evangelizador, bem como as relações que daí resulta, que não se dão por acabados. Assim, segundo Brigenth,

A Pedagogia para uma ação pastoral enquanto processo implica conjugar, com arte, o trinômio Igreja-Evangelho-cultura. O respeito à liberdade de consciência e à religião do outro implica uma evangelização em relação horizontal e dialógica, cujo processo se concatena em torno de determinados passos, que obedecem ao curso de uma ação humana, dentro do alcance das condições de cada época (BRIGENTH, 2006, p.153).

Neste sentido discutir a evangelização, suas marcas históricas, o foco dessa evangelização, na proposta da Pastoral da juventude, nos fez descobrir e afirmar a centralidade da pessoa humana, que se faz relação, em contato com o mundo, com as pessoas, enfim, com o chão de sua história, desse modo situar-se no universo da ação evangelizadora. Esse foi o primeiro passo para conceber uma análise dos objetivos propostos neste trabalho, que foi a relação dos jovens com as lideranças do clero e do laicato, com a Igreja Católica na Diocese de Pouso Alegre-MG, certificando-se que, essa relação, e o modo como é vivenciado influencia o processo de evangelização da juventude.

A hipótese inicial era de que a Igreja Católica através de suas lideranças religiosas (Clero e Laicato) tem dificuldades de se relacionar com a juventude e reconhecer as formas de atuação dos jovens ocasionando um afastamento dos mesmos da proposta de evangelização oferecida pela Igreja. Constatamos que esse é o desafio a ser superado, o envolvimento da juventude na evangelização, não se dá de uma forma total, como também, a sua ausência neste processo evangelizador. Existe uma percepção da dificuldade de relacionamento por parte das lideranças religiosas, do clero e do laicato adulto, com a juventude; e há também por outro lado, esforços que estão sendo empreendidos, nesta dimensão de acolhida, reconhecimento do trabalho e participação na vida da Igreja.

Considerando que o processo de evangelização supõe uma sintonia com a trajetória humana, permeada de imperfeições, limites, desejos, buscas, convém lembrar algumas considerações relevantes, para o aprimoramento do espaço das relações como espaço evangelizador, o que nos permite concluir que:

- Para evangelizar, há de ser considerado o universo juvenil, as realidades e demandas vivenciadas por eles, despojando-se de preconceitos e rótulos e considerar na totalidade sua existência: dons, potencialidades, limites, ideais. Isto é, evangelizar com base nas diferentes realidades e culturas.

- A memória histórica da Pastoral da Juventude do Brasil nos abriu horizontes para perceber a vivência de uma espiritualidade cristã que fez com que muitos jovens se mantivessem na esperança em um mundo melhor, conscientes de seu protagonismo na construção de uma nova história e missão, num mundo em mudança.

- O trabalho evangelizador realizado por muitos Grupos Religiosos, Congregações e Escolas Católicas, contribuíram para que muitos jovens fizessem a descoberta da experiência pessoal de comunhão com Jesus Cristo e, a adesão ao seu projeto de vida; a partir de então buscaram comprometer-se com uma comunidade eclesial–pertença a um povo, o povo de Deus.

- A postura educativa de lideranças religiosas é de suma importância para a formação das futuras gerações, visto que, “evangelização supõe tudo o que a Igreja realiza para suscitar e alimentar a fé dos fiéis e para transformar o mundo à luz dos valores do reino de Deus” (Gs 39)

- “A juventude mora no coração da Igreja e é fonte de renovação da sociedade” (Doc. 85, CNBB, 2007). É preciso apostar e considerar os jovens como protagonistas de sua evangelização. Quando incentivados em seu protagonismo

assumem seu papel na Igreja e na sociedade, revelam-se como esperança de um mundo novo, hoje e amanhã.

- O que se coloca na tarefa de acompanhar a juventude se propõem o empenho de continuar promovendo os jovens, acolhendo seus valores, sua cultura e a novidade de que são portadores.

Diante disso foi possível constatar ao longo desse trabalho, que a juventude é o foco para muitos seguimentos da sociedade: moda, consumo de bebida e drogas, esporte, escolas, universidades, cursos profissionalizantes, festas, shows, promoções artísticas, baladas, Internet, shoppings, academias etc. Os jovens estão sem empregos, propensos à violência, como agentes ou vítimas, com dificuldades para entrar no mercado de trabalho e são presas fáceis do sistema neoliberal consumista-hedonista e materialista. Percebe-se que este universo em que está o jovem e todos nós, já é mais explorado pela evangelização além de outros segmentos. Isto será possível, com a tomada de novas posturas, no tocante a evangelização, sobretudo na relação fraterna de diálogo, amizade, apoio, compreensão, investimento, escuta do jovem, o que, na Igreja, está previsto como espaço da evangelização.

Neste ambiente, a religião conforme pesquisa realizada tem forte influência sobre os jovens. Nela buscam sentido para a sua vida e explicação para a sua existência.

A pesquisa apontou que ainda há interesse dos jovens pela proposta de evangelização da Igreja. Porém, também há os limites na relação com as lideranças religiosas do clero e do laicato, que supõem repensar sua metodologia, a valorização dos jovens de acordo com a opção de Puebla, como também a linguagem nos encontros, liturgias, bem como proporcionar espaços alternativos,

com atividades de boa qualidade para os jovens, disponibilizando especialmente os espaços da própria Igreja.

Concluimos dizendo que os jovens da Diocese de Pouso Alegre/MG, tem seu reconhecimento na Igreja por parte das lideranças do clero e do laicato adulto; e as relações sentidas pelos jovens, sobre acolhida e apoio, firmam esse ambiente que poderia configurar-se como espaço que evangeliza, porém, é um processo a ser construído para a prática deste reconhecimento, firmada em documentos, prioridades e destaques feitos aos jovens. O que se têm afirmado em documentos, programas, linhas de ação sobre juventude terá a necessária credibilidade quando forem sentidas em relações mais humanas, próximas, considerando a pessoa do jovem como sujeito, protagonista de sua história, do seu caminhar, com capacidade e liberdade de pronunciar sua palavra sobre o mundo, sobre a Igreja e sobre a evangelização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBIZAR, Lydia; BERNAL, Marina. **A Construção Social da Juventude**. In Mulheres e Jovens e Direitos Humanos. **Manual de Capacitação das Mulheres e Jovens e a Ampliação da CEDAW**. São Paulo: REDLAC, Edição Brasileira, 2004,p.21-3.

AGOSTINI, Nilo.**Evangelização**: Contribuição Franciscana.Petrópolis, RJ. Vozes: Família Franciscana do Brasil. 2000.

BRIGHENTI, Agenor. **A Missão Evangelizadora no Contexto Atual**: Realidade e Desafios a partir da América Latina. São Paulo: Paulinas, 2006.

BORAM, Jorge. **O Futuro tem Nome: Juventude**. Sugestões para Trabalhar com os Jovens. São Paulo: Paulinas, 1994.

BOFF, Leonardo. **Críticos, Criativos e Cuidantes**. Texto publicado em 2005.

Costa, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil**: Adolescência, Educação e Participação Democrática. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude**: Ensaio sobre Sociologia e História das Juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Evangelização no Presente e no Futuro da América Latina**: Conclusões da Conferência de Puebla. 3ª Edição. São Paulo: Paulinas.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil**. Documento CNBB. 28. São Paulo: Paulinas, 1984.

_____**Evangelização e missão profética na Igreja**: Novos desafios. Documentos CNBB. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____**Diretório Nacional de Catequese**. Documento CNBB. 84. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____**Texto Base da Campanha da Fraternidade**. Documento CNBB. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco. 1992.

_____**Marco Referencial da Pastoral da Juventude do Brasil**. Estudos da CNBB. 76. São Paulo: Paulus, 1998.

_____**Evangelização da Juventude**: Desafios e Perspectivas Pastorais. Documento CNBB. 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

_____**Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil**. 2003-2006. Documento. CNBB. 71. Ed. São Paulo. Paulinas, 2003.

_____. **Diretrizes e Orientações para a Pastoral da Juventude do Regional Sul 1, Vida e Missão**. 2ª edição, Paulinas, 2005.

DICK, Hilário. **O Caminho se Faz: História da Pastoral da Juventude do Brasil**. Porto Alegre: Evangral.1999.

FREITA, Maria Virgínia. **Juventude e Adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2ª edição. São Paulo. Ação Educativa. 2005.

FREIRE, Madalena. **O sentido dramático da aprendizagem**. In: GROSSI, Esther Pilar & BORDIN Jussara (organizadores). **Paixão de aprender**, ed. Vozes. 1995.

Freire, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários á prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: Ensinar-e-aprender com sentido**. Editora Feevale. Novo Hamburgo. Rio Grande do Sul. 2003.

INSTITUTO CIDADANIA. **Projeto Juventude**. Documento de Conclusão.
JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica Tertio Millenio Adveniente**. Ano 2000.

LENZ, Mathias Martinho. S.J. **Evangelização no Brasil Hoje: Conteúdo e Linguagem**. São Paulo, Editora Loyola. 1976.

MARDONE, José Maria. **Neoliberalismo e religión.La religión em la época de la globalización**. Navarra:Verbo Divino.1998.

NOVAES, Regina. **Juventude, Percepções e Comportamentos: a Religião faz a Diferença?** In Abramo, Helena; Branco, Pedro Paulo (org.) **Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma Pesquisa Nacional**. São Paulo. Instituto cidadania Abramo. 2005. P.263-290.

OLIVEIRA, Rogério de. **Pastoral da Juventude: e a Igreja se fez Jovem**. São Paulo. Paulinas, 2002.

PAULO VI. **Exortação Apostólica sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo**. Evangelli Nuntiandi. SP. Paulinas, 1976.

Revista Missões. Edição Dezembro de 2000. www.revistamissões.org.br. Acessado em 30/10/2007.

RIBEIRO, Eliomar de Souza. **SJ: Sonho e Esperança que move o coração de Deus!** Aproximação interdisciplinar á situação Juvenil no Brasil. Tese de Mestrado-Universidade Pontifícia Salesiana - Roma. 2006.

Site da Casa da Juventude www.casadajuventude.org.br. Acessado em 29/11/2007.

SILVA, Lourival Rodrigues da. **Juventude, Religião e a Utopia da “Civilização do Amor”**. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Goiás-Goiânia, 2006.

____Lourival Rodrigues da. **A Religião em Tempos de Pós-Modernidade e a Juventude**. Revista Redemoinho. Porto Alegre: Rede Brasileira de Centros e Institutos de Juventude, 2006, pg 41-46.

TEIXEIRA, Carmem Lúcia. **O Grupo de Jovens: Espaço de Formação Política**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Goiânia, Goiânia, 2006.

ANEXO

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia
Casa da Juventude Padre Burnier
Pós-graduação em Adolescência e Juventude no Mundo Contemporâneo

**QUESTIONÁRIO DE ENTREVISTA PARA LIDERANÇAS DO
CLERO E DO LAICATO**

Pesquisadora: Nádia Maciel da Silva

DIOCESE DE POUSO ALEGRE/MG

Nome: _____

Paróquia: _____

Cidade: _____

Função: _____

1. Existem Grupos de Jovens da Pastoral da Juventude em sua Paróquia?
Quantos são e como andam?
2. Há pessoas que acompanham esses Grupos? Quem são? O que fazem neste acompanhamento? Que desafios encontram?
3. Quais são os trabalhos desenvolvidos por esses Jovens em sua Paróquia?
4. Como você vê o trabalho realizado pelos Jovens em sua Paróquia?
5. Como você avalia o trabalho com os Jovens em relação à Igreja?
6. O que esses Jovens buscam da Igreja. O que a Igreja espera dos Jovens?
7. Algo mais que deseja acrescentar em relação à Juventude?